

GUILHERME PINTTO

SEJA O AMOR DA SUA VIDA



**SEJA O
AMOR
DA SUA
VIDA**

GUILHERME PINTTO

SEJA O AMOR DA SUA VIDA

Copyright © Guilherme Pinto, 2018
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2018
Todos os direitos reservados.

Preparação: Luiza Del Monaco
Revisão: Laura Vecchioli e Fernanda Bincoletto
Diagramação: Márcia Matos
Capa e projeto gráfico: André Stefanini
Adaptação para eBook: Hondana

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Pinto, Guilherme

Seja o amor da sua vida / Guilherme Pinto. -- São Paulo : Planeta do Brasil, 2018.

224 p.
SBD

ISBN: 978-85-422-1299-0

1. Autoajuda 2. Autoconhecimento 3. Amor I. Título

18-5806

CDD 158.1

2018
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Rua Padre João Manuel, 100 – 21^º andar
Ed. Horsa II – Cerqueira César
01411-000 – São Paulo-SP
www.planetadelivros.com.br
atendimento@editoraplaneta.com.br

A escrita foi a minha salvação e, com o tempo, comecei a perceber que ela tinha o mesmo poder sobre outras pessoas. Eu não tenho a pretensão de ser reconhecido como um grande escritor, mas ficaria feliz se este livro te ajudasse a encontrar o grande amor da sua vida: VOCÊ MESMO.

APRESENTAÇÃO

Que o amor também faz doer, a gente já sabe, mas eu achava que já tinha chorado de diversas formas, já havia aprendido muito sobre esse sentimento, me sentia um universitário prestes a pegar o diploma – até começar a ler este livro. Não foi fácil me concentrar para escrever essas palavras. Confesso que entre a primeira leitura e a noite em que estou escrevendo estas frases que você lê, se passaram diversos dias. Chorei muito. A minha vontade era de abraçar esse amigo de um coração enorme. E, respire fundo, você já vai descobrir o porquê.

Todos nós temos uma história. Todos nós carregamos a nossa biografia por onde quer que sigamos. Nela constam as nossas vitórias, derrotas, paixões, nossos amores, desamores, desencontros; nela está registrada toda a nossa caminhada até o agora. Diante de cada capítulo, o que mais me chama atenção diante das vidas alheias, que involuntariamente acabo lendo, são as ações. São as formas como cada um lida com os próprios fantasmas, como cada um enfrenta os próprios monstros, os próprios medos. Como cada um de nós arranja um jeito de sobreviver. De retirar força sabe lá Deus de onde para seguir em frente. E a gente segue. A gente – sempre – segue.

Estou te dizendo essas coisas para falar que a vida nem sempre foi fácil. Nem para mim nem para o Guilherme, mas o que mais me encanta nas nossas histórias é que, apesar do amor ter nos oferecido tantas farpas, conseguimos retirar uma por uma, apesar da dor, e termos corações inteiros. Sadios. Prontos para abrigar amores intensos, verdadeiros, amores que receberão todo o carinho do mundo. Mesmo depois de tanto doer, nosso peito ainda é capaz de sentir. E, o melhor de tudo, ele não pesa. Não guarda rancor, pelo contrário, ele carrega aprendizados importantes, e as feridas cicatrizaram.

Custou muito para que eu tivesse coragem de me encontrar

comigo mesmo. Não foi da noite para o dia que aprendi que eu era o amor da minha vida. Que era a minha melhor companhia. Que a minha alma gêmea era o meu eu interior. Eu só queria mesmo era ter podido ler este livro antes. Queria que o Matheus do meu passado tivesse conhecido essas palavras antes, mas o Matheus de agora fica feliz de poder continuar aprendendo a se apaixonar por ele mesmo.

Só quero dizer mais umas coisas – tire os sapatos, sente-se ou deite-se confortavelmente e estenda uma das mãos. O Guilherme está com a dele estendida na sua direção agora. Não tenha medo de caminhar ao lado dele nas próximas páginas. Eu fiz isso. Eu me permiti. Ao final, sei que você terá a mesma sensação boa que eu tive.

A gente busca o amor em todos os cantos e se esquece de olhar para dentro. Mas, tudo bem, nem sempre a gente sabe como fazer isso. Ou melhor, desta página em diante, nós saberemos. Você saberá! Te desejo uma boa viagem. O caminho possui algumas curvas, mas aprenda a admirar a paisagem. Não existiria um guia melhor para essa jornada além do Gui.

Se eu já era fã, hoje sou discípulo. Não consigo mensurar a felicidade em poder ter as minhas palavras neste livro. Eu só consigo desejar ainda mais amor para todos que tocarem nele.

No mais, boa viagem!

Com carinho,
Matheus Rocha, autor de *Pressa de ser feliz*

POR QUÊ?

A escrita foi a minha salvação. Eu escrevo desde os seis anos. E dos seis aos catorze eu mergulhei nas palavras porque precisava criar um novo mundo, uma vez que a minha realidade daquela época era insuportável.

Preciso dizer que pensei bastante se deveria ou não contar isso aqui, mas lembro, toda vez que falo para as pessoas sobre escrita, que a conexão só acontece se você estiver entregue, nua e abastecida de si mesma.

Então, como diz a Louie Ponto: “Prepare seu café, seu chá, sua água e senta aí. Vamos conversar!”.

Bom, comecei a escrever porque estava cansado de apanhar. Apanhava por ser gay, apanhava verbalmente na escola por ser pobre, apanhava dos olhares de rejeição dos meus familiares por ser a junção de tudo isso.

Minha mãe começou meu processo de alfabetização em casa. Por ser professora, espalhava vários livros pelo tapete da sala, fazendo com que as histórias me chamassem atenção. Sempre fui a louca das histórias. Adoro as espontâneas e simplesmente não suporto aquelas que alugam meu tempo, como se tivéssemos o compromisso de ouvir e amar todas elas. Não. Gosto daquelas que surgem em voz alta no ônibus de volta para casa, do rosto enrugadinho em uma viagem para o interior, daquelas que, quando a gente menos espera, surgem como uma novela passando na cabeça.

Agora minha vida está tranquila, mas foram anos e anos de tortura. Bastava minha mãe sair de casa para o show começar. Soco. Chute. Mão no pescoço até ficar sem ar. Gelo que queimava a pele sem pausa para minimizar os hematomas. Eu prometi pra mim mesmo nunca contar sobre o que se passava em casa para minha mãe e meu irmão, porque tinha medo de que eles acabassem indo para o mesmo lugar que eu quase ia todo dia.

Eu tentei contar uma vez, e foi nessa época que eu vi a morte de perto. Conseguimos fugir aos gritos para a casa da vizinha e jurei pra mim mesmo que protegeria minha família (principalmente minha mãe), ainda que isso me custasse a vida. Foi o que eu fiz até quase os catorze anos.

Aí, menina, eu fui crescendo. Crescendo com o corpo dolorido, com a alma em prantos. Não era só eu que apanhava em silêncio; a cabeça da minha mãe batendo com força contra a parede me mostrava que aquilo ali não poderia ser o mundo, não o meu, não o nosso, não o que as pessoas chamavam de mundo. O mundo em que o amor habitava.

Eu tinha fome e minha mãe, depressão. Mas nunca nos faltou esperança. Eu rezava toda noite, mais forte ainda quando ouvia o molho de chaves virando a fechadura e sentia o cheiro de álcool invadindo a casa. Era questão de minutos para o show de horror começar. E nem me pergunte o motivo, porque se não houvesse um, não era difícil que fosse inventado. O importante era o “para, para, para, para, para, para” acontecer. O importante era gritarmos e ninguém nos ajudar, ninguém para nos salvar, dizendo: “A gente precisa ir embora agora. Peguem apenas algumas roupas e vamos. Agora!”.

Meus lugares favoritos dessa época eram as viaturas de polícia, porque lá, sentado no banco de trás, com as luzes girando em silêncio enquanto pessoas de roupão nos olhavam fingindo preocupação, mas tomados de curiosidade, eu sabia que, mesmo que por poucos minutos, ali eu poderia respirar tranquilo.

Depois que eu comecei a ficar mais forte, a agressão se tornou mais elaborada, porque o foco não era mais o corpo, mas o que o sustentava. Eu ouvi de tudo. Passei anos sendo convencido de que não era capaz de nada, de que minha melhor fantasia era um saco de lixo, de que aos seis anos uma criança não pode comemorar por ter aprendido a amarrar o cadarço, pois ela não fez mais que sua obrigação.

E aí, você deve estar se perguntando: *Onde andava a escrita nesse processo todo?*

Ela existia no meu caderno de desenho.

Aqueles que os pais compram para as crianças no primeiro ano da escola.

E por que será que ele ama tanto falar do amor?

Porque eu sempre acreditei nele, mesmo sabendo que o que eu vivenciava em casa não era ele. Eu sempre soube, apesar de toda a minha inexperiência; eu tinha certeza de que, genuinamente, aquilo não era amor. E, então, eu passei a persegui-lo. Passei a encontrá-lo em histórias, em olhares de casais na praça enquanto eu andava de mãos dadas com a minha mãe pelo centro, na esperança que minha avó carregava mesmo estando ao lado de um homem que não parecia amá-la de verdade, nos filmes, nos pais legais das minhas colegas, no futuro que eu desejava ter, só para comprovar que tudo aquilo que eu vivi foi um engano. E hoje eu posso dizer com certeza que, sim, menino Gui, o amor realmente existe.

Eu tinha duas opções: continuar sangrando pelo resto da vida e culpar o universo por isso ou dar um jeito de curar essas feridas. E foi na tentativa de transformar dor em força que eu descobri minha melhor habilidade.

Quando faltavam alguns dias para eu completar catorze anos, resolvi contar à minha mãe, na casa de minha avó, tudo o que eu vinha passando nos últimos anos. Após juntarmos todas as peças, numa conversa em meio a muito choro que invadiu a madrugada, no dia 20 de outubro – dia do meu aniversário – fugimos de casa. E aquele foi o melhor presente de aniversário da minha vida, porque foi ali que eu conheci e senti realmente o que era a liberdade. Foram mais uns dois anos de perseguição, delegacia, mas o conhecimento foi a nossa principal arma de defesa. A ignorância nos manteve em cativeiro por muito tempo, mas a ajuda dos amigos e a vontade de retomarmos o poder das nossas vidas nos deu força para criarmos a nossa própria fortaleza pessoal.

Não foi fácil, viu? Nada fácil.

Mas eu te confesso que sou grato. Não pela experiência, jamais pelo agressor, mas pelo que consegui tirar de toda essa situação.

É por isso que eu amo falar de amor, porque, além de ele ser

o sentimento mais poderoso do mundo, ele salva e transforma. E não tô falando do amor que a gente está acostumado a associar, o romântico, mas o amor por si próprio, pelo respeito às nossas cicatrizes, pelo modo como a gente conduz a vida e pelo quanto se esforça para tornar o mundo cada vez melhor.

Talvez, minha querida, se não fosse tudo isso, eu não sei se hoje teríamos este encontro.

Então, a mensagem que eu quero deixar é: não tenha medo da dor. Há sempre um jeito de encontrarmos a cura para ela. É nela que nos transformamos.

MOMENTO PAUSA PARA RESPIRAR

(Aviso: este capítulo deve conter lágrimas.)

Bom, agora que já sabe como cheguei até aqui, vou compartilhar contigo o que me ajudou a me reconhecer como o amor da minha vida.

Como você deve imaginar, foram anos de terapia para que eu deixasse de achar que eu não poderia ser amado. E esse processo todo foi horrível. Pois, durante anos, eu insisti em ter atitudes inconscientes nos meus namoros, tentando fazer com que o sucesso de cada uma das relações significasse que eu “estava livre da maldição da família”, a de que eu ficaria para sempre sozinho.

Nunca houve maldição, mas o modo como eu conduzia os meus relacionamentos, sempre baseado nas internalizações e crenças que acabei adotando na minha infância, fazia com que eu ficasse cada vez mais frustrado. Aquelas eram atitudes inconscientes, dificilmente os termos eram esclarecidos, e logo o ciclo recomeçava.

Eu tinha a esperança de que alguém iria me salvar. Me salvar do tédio, suprir tudo o que faltava em mim e me salvar da torre da rejeição. Só assim poderíamos protagonizar uma história como as que eu gostava tanto de ler e assistir.

Demorou para eu perceber que o amor do outro não nos salva. Nós que somos responsáveis por nossa salvação diária.

Foram inúmeros embustes. Vários caras que não tinham nada a ver comigo, pelo menos energeticamente. Demorou para eu começar a perceber que havia algo errado. E aí, como toda bomba, eu só fui aprender no grito da decepção. Doeu pra caramba, somou um mês de cama com muita Marília Mendonça, comida congelada, para, finalmente, eu nascer de novo. Agora

mais plena do que nunca.

E o processo todo foi assim...

1º PASSO: A IMERSÃO EM SI MESMA

Vá para seu quarto ou para algum canto calmo e tranquilo, em que você não será interrompida...

Olhe para dentro de si mesma e respire fundo. O que você sente?

Mergulhe no seu interior sem julgamentos, pergunte-se quem você é realmente. Não o *você* da identidade, do Facebook, mas a pessoa que só você conhece e que talvez ainda não conseguiu encontrar espaço para aflorar. Busque sua identidade interior, ouça os gritos internos, as vontades que estão por baixo das camadas do anseio de seus familiares e amigos.

Quem é você?

Respire.

Você está se ouvindo?

Você está pronta para nascer de novo.

Pronta para ser o que quiser.

Sinta-se.

Você está pronta para se libertar.

Você está pronta para se curar.

Você está pronta para andar com leveza de novo.

Acenda um incenso ou algo cheiroso na sua casa.

A energia já mudou, é outra.

Você está pronta para a mudança.

2º PASSO: ONDE DÓI?

VAMOS TRATAR DESSAS FERIDAS

Como você está se sentindo?

Você precisa continuar se escutando.

Mas o processo agora é diferente do anterior.

É mais ou menos como ir ao médico para ser examinado. Você precisa sentir e reconhecer as dores mais latentes.

ONDE DÓI?

O QUE MAIS DÓI?

Aquele filho da puta que te deixou mesmo prometendo que vocês seriam amigos até o fim da vida? O excesso de ciúmes que faz bambear seu salto? A falta de coragem de pegar a direção sozinha? Ou é sua família que te coloca mais e mais para baixo, mesmo você sabendo que existe amor em casa?

Depois que você descobrir o que é preciso tratar, é importante procurar ajuda.

Eu, primeiramente, busquei o auxílio de um psicólogo.

Foi um ano de sessões em que eu buscava entender a mim mesmo e toda a relação que eu tinha com as pessoas mais próximas de mim.

Depois conheci um inscrito, em um dos cafés, terapeuta holístico, e consegui me libertar de tudo o que tinha vontade.

O ThetaHealing, a cura energética, foi meu presente do universo.

Quebrei crenças.

Me despedi das culpas.

Ganhei a oportunidade de experimentar a verdadeira sensação de ser amado pela visão do criador.

Gratidão, Thiago Fonseca.

Você pode fazer suas escolhas dentre as inúmeras possibilidades de ajuda. Essas foram as minhas.

Independentemente de como for e com quem for, é

fundamental dividir o fardo e pedir socorro.

Nem sempre a gente consegue passar por tudo sozinhos. E não tem problema nenhum nisso.

3º PASSO: CONVIDE-SE PARA SAIR. TENHA UM *DATE* COM VOCÊ MESMA

Eu adoro encontros. São eles que me promovem os melhores insights.

Arrume-se! Hoje vamos sair.

Você e seu amor... próprio.

Eu sei que parece difícil, mas é que a primeira vez é mais complicadinha mesmo. Mas depois flui e você sente a recompensa. Não desista!

Ter um *date* com você mesma é levar a si própria para um lugar aonde você gostaria de ir com alguém de quem estivesse afim.

Como em um *date* você conhece a outra pessoa pela conversa, nesse caso você fará exatamente o mesmo. Antes de sair de casa, pegue um caderno e uma caneta que realmente escreva (eu tenho mania de guardar canetas sem tinta, sempre prometendo que um dia vou jogá-las fora). No seu *date* consigo mesma, o caderno vai ser seu melhor amigo.

Então, em um parque, em um restaurante, no centro da cidade, em uma cachoeira ou mesmo em uma festa, você irá dividir uma folha em branco em dois lados: um para suas qualidades, outro para seus defeitos (limites).

Não encha linguiça. Coloque apenas o que você realmente sente que são seus pontos fortes e fracos. O papel é uma forma de facilitar a conversa, a percepção e o entendimento. Quando você entende seus principais valores, fica mais fácil fortalecer o respeito e o amor que tem por si mesma.

É como quando compramos algo muito caro e temos a noção do quanto foi difícil adquiri-lo, do quanto aquilo é importante e valioso a ponto de não permitirmos que qualquer um coloque a

mão no que é nosso.

Portanto, o final deste processo acontece quando você vai para casa se sentindo um templo de si mesma, uma casa organizada, calma, confortável e tranquila.

Pronto.

Agora é a hora de tirar tudo o que está fazendo volume, tudo aquilo que, no fundo, você tem vontade de desocupar e desapegar mas vai procrastinando, vai dando biscoito para a esperança, talvez por achar que no futuro aquilo irá lhe fazer falta. “Desapegue desse medo de desapegar” e providencie uma sacola bem grande.

Comece pelo quarto, depois siga para a sala e a cozinha. Remexa tudo e deixe apenas os objetos, roupas e utensílios que realmente façam sentido para você. Liberte-se do resto. Doe tudo o que ainda estiver em boa condição e jogue no lixo o que não pode ter mais serventia.

Essa tarefa pode durar alguns dias, mas nunca mais de uma semana. Seja disciplinada, pois depois da faxina na casa precisamos começar a limpar nosso mundo virtual.

Todos aqueles contatinhos no WhatsApp que nunca deram em nada, todos os *matches* que não foram para a frente e nem iniciaram conversas, todos aqueles *crushes* que a gente manteve adicionados, sempre imaginando que um dia ainda pudesse rolar alguma coisa. Liberte-se e deixe-os ir.

O universo vai entender toda essa limpeza e, aos poucos, a energia vai começar a fluir, dando espaço para novas histórias.

Você sente esse cheiro?

É cheiro de mudança, de notícia nova chegando.

4º PASSO: SINTA-SE PLENA

Este é o momento em que você já começa a perceber que as coisas mudaram. Não existe mais a necessidade de apresentar mil motivos para o outro ficar porque isso já está evidente. Você pensa ao falar, gerencia as próprias crises, é cautelosa para não cometer mais de uma vez os mesmos erros, sustenta cada vez menos a autoconfiança com elogios alheios. Foda-se se o boy desmarcou em cima da hora ou se a mina da faculdade não te deu moral. Neste momento, você não deixa de ficar triste, mas já aprendeu como o jogo funciona...

Esta é a hora em que você consegue andar confortável dentro do próprio corpo e se agradece por isso. É quando você se sente plena, a pessoa mais feliz do mundo, mesmo se tiver apenas dois reais na conta do banco.

Eu espero que a partir de agora você seja o amor de sua própria vida ou, pelo menos, esteja no processo para chegar lá.

Aproveite enquanto isso para olhar, ler e amar alguns desabafos que escrevi ao longo desses anos. Espero que goste.

**HISTÓRIAS
SOBRE O
AMOR
PARA SEREM
DEVORADAS
COM VONTADE**

EU TE ENTENDO, GAROTA

Às vezes,
parece que não importa quantas vezes por semana na academia você vai,
em quantos bares você aparece bem vestida,
quantas noites de sono você perde estudando para ter um futuro financeiro melhor,
quantos conselhos você dá para os melhores amigos,
quantos amigos consegue fazer com seu sorriso,
quantas dietas consegue manter,
quantas madrugadas se mantém linda em cima de um salto,
em quantas sessões de cinema você entra sozinha só para se tornar mais corajosa,
quantos livros você devora para se mostrar mais esperta,
quantas pizzas você pede sem culpa para satisfazer a si mesma,
quantos cremes você passa para parecer mais jovem,
quantas viagens você faz para conhecer o mundo e o desapego,
quantos minutos perde imaginando uma vida tranquila com o sol se escondendo atrás de coqueiros em uma praia bonita,
quantas conversas você tem com os porteiros,
quantos conselhos você ouve dos mais velhos,
quantas histórias escuta dos mais apaixonados,
a quantos beijos ensandecidos você tem de assistir no ônibus,
quantos abraços apertados você tem de presenciar na

rodoviária,
quantos planos você tem em mente,
em quantos trabalhos já passou na vida,
quantas histórias ainda morre de vontade de viver para
contar mais tarde...
você é forte para se defender sozinha, mas às vezes é quase
incapaz de continuar desacompanhada.

ESTOU PARTINDO DE NÓS

Diga a ele que fugi, que arrumei as malas e que o ônibus em que eu estou já deu partida faz tempo. Avise à minha mãe que não volto tão cedo, ao meu chefe que já vou tarde e à minha avó que eu ligo para dizer um alô...

Diga, se perguntarem, que eu realmente não trouxe nada comigo, mas que ainda carrego muita coisa. Avise aos mais preocupados que o sol tem clareado o meu rosto e a alma tem flutuado à noite. Avise, se perguntarem, que mudei meu número de celular e provavelmente meu amor mude de nome.

Ah, diga também que enlouqueci, que virei a cabeça ouvindo mentiras demais ou pegando vento de menos. Diga que me fartei de diálogos prontos, que fui vender as promessas antes que elas se transformem em lixo. Avise aos mais próximos que nessa altura eu já respiro bem longe.

Diga, se ele insistir, que não tem mais volta, que assassinei minha paciência aos berros. Avise que ainda ando mancando, mas que cada dia é uma lembrança a menos, o que me faz andar mais rápido.

Diga, sem rodeios, que eu fui atrás de outro, de outra, de mim e de mais um pouco. Avise que fui correr de salto, nadar de roupa, caçar a felicidade com as mãos. Avise aos preocupados que eu não morri, apenas estou indo nascer de novo.

NAMORE UM GURI QUE VIAJE

Sempre fui diferente do pessoal lá de casa. Não sei bem explicar o porquê. Desde cedo me chamam de louco, e devo concordar que eles têm suas razões. Talvez o que me difere seja a sede de viver, que eles não possuem, além do comodismo pelo qual são tomados, e que não faz parte de mim.

Eu tenho uma insaciável sede de vida, um desejo inenarrável por vida nova e por conhecer pessoas que, pela força da espontaneidade, possam se tornar minhas amigas de infância instantaneamente.

Minha família é avessa a mudanças, enquanto eu não poderia ser mais adepto delas. Tenho fascínio de morar uma hora em cada lugar, viajar quase todos os fins de semana, comer cachorro-quente num bairro desconhecido, cantar sozinho no ônibus. Tudo isso apenas para mostrar pra mim mesmo que consigo cagar para a opinião alheia. Chego a tremer quando reconheço que estou criando raízes, entusiasmando-me com a briga dos vizinhos ou percebendo que o sofá está virando meu hobby.

Embora tudo me leve a crer na hipótese da minha alma ser cigana, ainda me faz falta ter a companhia de alguém com um espírito mochileiro, entende? Sei lá, uma pessoa para sentar comigo no assoalho do quarto, pegar um bloquinho de notas e começar a listar os lugares que precisamos conhecer, criando

estratégias para minimizar o tempo até conseguirmos chegar lá. Alguém que faça competição para ver quem leva menos coisas na mochila ou se ofereça, ora sim ora não, para pedir informação na rua, zoando meu nariz vermelho de sol, desfilando comigo no corredor de um hostel com a marca de regata que herdamos de um dia incrivelmente bem aproveitado.

Namore alguém que viaje. Porque será esse alguém que te levará a lugares antes inimagináveis pela sua mente, pagando a promessa que fez a si mesma de retornar àquele local quando encontrasse um ser tão louco quanto ele e que se encantaria da mesma forma.

Vai ser com esse alguém que você passará horas conversando com os olhos esbugalhados, a boca seca e administrando a hora de pausar a fala dele com a sua ânsia de fazer mais e mais perguntas.

Vai ser esse alguém que preferirá morar na praia ou ter uma casa no campo. Ou, quem sabe, oficializar a descoberta do novo mundo naquela igreja simples e bonitinha que vocês conheceram juntos no interior do Nordeste.

Ele vai apresentá-la aos garçons com quem fez amizade e, se você der sorte, pegará carona na estrada com os amigos que o ajudaram a diminuir distâncias. Darão boa-noite para as estrelas pela janela de uma Kombi 76 ou pela fresta da barraca no canto de um posto à beira da rodovia. Nunca se sabe.

Namore alguém que te valorize mesmo de cabelo bagunçado, roupas desbotadas e cara lavada. Alguém que abrace seu corpo suado com a mesma vontade que o faria se você tivesse acabado de sair do banho.

Há boatos de que depois de amanhã já é Natal e que semana que vem começa o velório. Até lá, criatura, se você se mexer hoje, pode ser que dê tempo de viver maravilhas amanhã...

ISSO TAMBÉM PASSA

Você já se sentiu como se sua alma estivesse chorando? Como se algo ali dentro, além da carne, estivesse triste. Como alguém que chora por noites em seu quarto sem ninguém escutar, quase mudo, quase gritando para dentro.

Você nunca teve aquela vontade enorme de entrar no quarto com toda a convicção do mundo, abrir o armário num ímpeto e pegar as primeiras roupas que vê pela frente? Como se os problemas se autorresolvessem com a fuga, como se as soluções morassem num lugar distante.

Nunca passou pela sua cabeça esquecer a identidade na mesa, os amores na indiferença e as contas no quintal de alguém? Só para viver a recompensa do anonimato, recomeçar do zero, sem nada vencendo amanhã.

Você nunca ficou em frente ao espelho, nadando nos próprios pensamentos, tentando achar lugar para todos aqueles amores que não deram certo, para todas aquelas promessas falsas que lhe fizeram e para todas as amizades que nunca foram verdadeiras? Como se o reflexo soubesse onde guardá-los, podendo te ensinar um caminho onde não são permitidas bagagens cheias de pó.

Nunca te deu um acesso de loucura de pensar que sua vida até agora não valeu de nada, que você nunca encontrou aquilo que busca, que são poucos os que foram muito pra você?

Vou confessar que tenho medo.

Não da morte do corpo, mas dos sonhos.

Medo de morrer com os olhos vivos numa alma presa.

Medo de me enxergar sozinha no final da estrada.

Medo de me tornar fria demais.

Medo de me perder na correria e não me encontrar mais em meio ao sossego.

Nem todo dia faz sol, mas também nenhum temporal dura a madrugada inteira.

Como já dizia o Chico Xavier: “Isso também passa”.

FELIZ DIA DOS DESNAMORADOS, AMOR

Bem, você sabe, nós não demos certo. Mas, ainda assim, tenho curiosidade de saber como você anda se saindo sem mim.

Ainda mentindo que o cheiro de cigarro dentro do carro não é seu? E aquela mania de administrador neurótico colecionador de notas fiscais, ainda existe?

Eu conheci pessoas bem bacanas depois que nos separamos. E isso serviu bastante para tirar aquela ideia estúpida da cabeça de que eu nunca encontraria alguém à minha altura. Erro meu.

Nas primeiras três semanas eu pensei que morreria, juro. Passava noites em claro, aflito na ansiedade de saber se você já estava puteando antes de mim. Você sabe como as coisas funcionam. Um sempre espera pelo outro antes de dar o grito de liberdade, no interesse de colocar a culpa na autonomia.

Nos primeiros três meses falei seu nome à beça. Eu aproveitava qualquer brecha para mencionar nossa relação, embora me sentisse culpado depois.

Nos próximos seis meses, eu via o modelo do seu carro e lembrava da gente. Pedia um Circulu's X-Bebum e lembrava da gente. Passava perto de alguém com seu perfume e me esforçava para não lembrar da gente.

Depois de um ano eu me mudei, não só de casa, mas também de conceitos. Dediquei um sábado inteiro, antes de ir embora, para avaliar se realmente o que tivemos foi um namoro. E concluí que sim. Mesmo naquela podridão toda, mesmo em meio

àquele lixo tóxico e às inseguranças que arrancavam nossos cabelos.

Agora eu já não sinto mais a sua falta e nem te quero mais de volta, se existisse essa possibilidade. No entanto, depois de tentar me policiar para não pensar em você todas as vezes que o presente dava oportunidade, resolvi parar. Cansei de brigar comigo mesma, colocando-me de castigo, no auge da ignorância por achar que um dia te esqueceria. Aprendi com o tempo que superar não é sinônimo de esquecer, bater a cabeça e perder a memória de uma vez por todas. Superar vai muito além de tudo o que eu pensei que iria. Superar a ausência de alguém tem a ver com equilíbrio, com saber lidar com as lembranças que fazem parte do passado, mas que também te ajudam no presente, a fim de que você não faça do futuro o mesmo pretérito imperfeito. Entendeu? Não é matemática, é um ciclo.

Feliz dia dos desnamorados, amor.

DESCULPE, SOU INTERESSEIRO

Ouvi rumores de que eu dava a impressão de ser interesseiro. Fui avisado disso por um amigo, todo cauteloso, tentando não me preocupar com a notícia. Fui pra casa pensando nisso. Confesso que, quando ele me disse, fiquei chocado. Mas, antes de digerir a surpresa, tentei entender o porquê. Relembrei cenas e tentei interpretar cada uma delas. Revivi alguns momentos e cheguei a uma conclusão: realmente quero algo de alguém. E isso se justifica com o fato de eu não me envolver com ninguém por pouco. Relacionamento pobre não me serve, já que nunca fui de objetivar misérias. Concordo com Tati Bernardi, quando ela diz: “Desculpe, mas eu me amo o suficiente para não aceitar migalhas. Eu sou uma mulher, não sou uma formiga”. E é pura verdade. Acredito piamente que as pessoas deveriam ser, sim, interesseiras. Afinal, que diabos faria alguém namorar uma pessoa que não lhe desse nada em troca?

O interesse é um meio para não encontrarmos cada vez mais pessoas vazias e com atitudes previsíveis, como tem acontecido mais e mais. O interesse é importante porque faz com que cada um tenha algo para oferecer, faz com que as pessoas construam sentimentos mais sólidos, faz com nos envolvamos apenas com pessoas dispostas a nos dar seu melhor, para que possamos, então, nos tornarmos melhores. O interesse faz com que sejamos ainda mais exigentes e só queiramos quem nos leve para o melhor caminho, quem compreenda nosso pior lado e ainda nos defenda com seus melhores argumentos.

Se não for assim, não tem graça. Já passei da fase do café com

leite. Sou um verdadeiro interesseiro de sensações! Dinheiro ajuda, mas acaba. E eu sou mais ambicioso do que pensam. Estariam me menosprezando se limitassem meu desejo apenas a um papel colorido ou a algum bem que não poderei chamar de “meu bem”.

Por fim, àqueles que tiveram dúvida quanto ao meu interesse, simplifico: enquanto eu me julgar interessante, serei completamente interesseiro.

ELA FOI VIVER

Não te avisaram? Ela foi viver.

Quebrou o porquinho, juntou as moedas e viajou sozinha para voltar mais acompanhada de si.

Deixou de esperar suas respostas e aceitou beber aquela cerveja com aquele guri, o que ela estava há tempos pensando se deveria.

Disse “sim” para o próprio espelho, vestiu o melhor vestido e não foi mais procurá-lo pelas madrugadas, mas, sim, dar chance à vida.

As amigas dela deixaram de lado o cargo de psicólogas para voltarem a ser loucas felizes que dão gargalhadas sem pudor algum em um pub bacana no centro da cidade.

Quem sabe você a veja por aí de vestido amarelo e cabelo perfumado.

Talvez ela te cumprimente. Talvez não.

De repente, ela pode até mesmo te parar.

Talvez nunca nem te olhe.

Ou, quem sabe, você apenas tenha sido mais um, que só teve a infelicidade de ser mais um na vida dela.

NÃO PROCURE UM NAMORADO

Não procure um namorado. Não se apegue à ideia errônea de achar que o amor é a solução de tudo, porque não é bem assim. Martha Medeiros já nos avisou: “As pessoas ficam procurando o amor como solução para todos os seus problemas, quando, na realidade, o amor é a recompensa por você ter resolvido os seus problemas”. E cada vez tenho mais certeza de que a gaúcha tem razão.

Talvez hoje você gostasse de estar numa boa ao lado de alguém, talvez na fila de algum motel antes da meia-noite, talvez dentro de um restaurante ou comendo pizza e assistindo Netflix, se pra você a data for eloquente apenas para a publicidade. Esperar por alguém não é pecado, manter o romantismo não é errado, o problema está em esperar demais, em vender a esperança para a espera, em colocar a cadeira de praia na frente de casa e ficar pensando que qualquer sujeito que diga “olá” possa ser a continuidade chegando.

Procurar um namorado é perda de tempo, pois não se trata de uma busca incessante, mas sim de um trabalho de reciprocidade para que um dia o relacionamento aconteça. Não é como num filme em que a tímida se apaixona pelo bonitão loiro e, pá, Taylor Swift de fundo. Não é como encontrar alguém incrível no bar (mesmo que os dois amem o mesmo filme, as mesmas músicas do Tiago Iorc) e no dia seguinte registrar em cartório o compromisso. O namoro não é garantia de nada, nem mesmo de

fidelidade, mesmo que esteja explicitamente gritando para um dos dois em uma das cláusulas. Busque lealdade antes de rótulos. A lealdade é mãe da fidelidade, é ela quem dita o que acontece ou não. Queira alguém ao lado com quem você possa ser você mesma, na sua melhor versão. Entenda que namoro é construção, é conhecer o outro, e também ter a oportunidade de enxergar a si própria diante do novo. É saber se os defeitos serão suportáveis e se vai existir alguma coisa ali que você amará tanto a ponto de nunca ter vontade de ir embora.

Anote na geladeira que o amor nunca será garantia de nada, e ninguém nunca será capaz de oferecê-la, pois o tempo é o único possível fiador. E ele muda conforme os ventos. A promessa é o Rivotril do desespero, serve apenas para estabilizar o medo do inverso. Acredite mais nas ações e não dê muita bola para os discursos estruturados. Não procure um namorado, procure alguém que esteja disposto a viver histórias contigo. Construa a história antes de querer vivê-la. Namoro não é construção antes da decisão.

MENAGE À TROIS

Como eu não consigo prosseguir com coisas emaranhadas no peito e como você não me deu a oportunidade da conversa, sente a pressa na cadeira, que os meus dedos vão falar...

Acho que o que mais me incomoda é saber que você ainda não está pronto para o que eu quero: um relacionamento. E não é culpa sua, simplesmente nossas pretensões são diferentes no momento. Durante esses dias você só buscava uma brecha para falar do passado. Aproveitava qualquer abertura que eu dava. E, desculpa a sinceridade, mas isso não é assunto pra falar com quem deseja conhecê-lo, é assunto pra terapia ou pra lidar com ouvidos amigos, como de praxe.

Embora não concorde, você não me convence quando fala que não sente a necessidade de mostrar o quanto está feliz para o pretérito imperfeito. O quanto também é capaz de namorar uma outra pessoa, de tocar a vida, de ir ao cinema num domingo sem grandes resquícios. Dá pra notar o quanto isso é importante pra você, ainda que seus argumentos não se empenhem muito pra me provar o contrário.

Sinto sua falta no beijo. Sinto sua falta na cama. Sinto falta de você me ouvir com interesse. Eu não reclamo à toa. Sua cabeça anda longe, seu coração, então, nem se fala... Na verdade, você anda tão longe de mim que acabou deixando alguém entrar no meio de nós, um ménage à trois que eu não autorizei, uma pessoa que não enxergamos, mas que de alguma maldita maneira é onipresente em nossas vidas.

E, por fim, eu não mostrei o meu lado mais vulnerável para que você não entrasse na lista dos que não deram certo. No entanto, a reciprocidade não depende só de mim.

Minha esperança era que você me pegasse pelo braço e falasse: “Ei, vamos consertar isso juntos, ok?”. Mas, mesmo ao me ver de malas prontas, você não pensou duas vezes antes de espalhar as inseguranças. E, assim, eu segui adiante...

Seu amor de agora, meu querido, não me basta...

E só depois que seus olhos se viam longe, percebi que não se transborda com metades.

AINDA NÃO TE ESQUECI

Como tem andado o seu ano?

Tenho saudade da gente, das nossas risadas, das minhas tardes na loja em que você trabalha, do seu sonho de entrar para a polícia, do seu desejo de passar em Direito, da sua vontade de viver uma vida que afinava com a minha.

Lembra que eu tinha um sonho de um dia pegar uma mochila e viajar? Pois é, depois de muito tempo, consegui. Eu queria tanto te contar as loucuras que fiz, o trabalho pelo qual passei, os lugares que eu tenho certeza que você amaria conhecer. Viajei até o Nordeste durante quase quatro dias dentro de um ônibus, acredita? Galinha, farofada e a lembrança de que um dia planejamos fazer isso juntos foram as minhas companhias da viagem. Conheci um pessoal da Paraíba. Lá, eles me ensinaram a não acreditar na distância quando os meus sentimentos são sinceros. Então, aqui estou eu.

Você me faz uma falta danada, mesmo achando que não. Você sempre foi minha fuga, minha companhia para dividir a pizza requentada, o espaço na magrela e pra sonhar junto o que, até então, era apenas sonho. Já não me importo se a minha presença é irrelevante na sua vida. Ou se existem pessoas melhores que eu no seu caminho. Ou se eu nunca vou conseguir entender o motivo central de nós termos nos distanciados. Só quero dizer que te amei, mesmo ainda aprendendo o que é o amor, mesmo

ainda descobrindo como ser mais dedicado, tentando entendê-lo, mesmo sabendo que essa era uma completa burrada. A lembrança de vestir suas roupas só para te fazer rir são vivas, tão vivas quanto as do seu abraço cheiroso ou das idas ao banheiro de porta aberta. Eu me lembro da comida da sua mãe, de você dizendo, brincando, para eu não comer muito, pois ainda tinha que sobrar para a janta, de toda simplicidade e garra que eu admirava em você.

Talvez nós nunca mais nos vejamos, troquemos mensagens ou planejemos um futuro mais promissor, já que não nascemos com a melhor das condições financeiras. Entretanto, quero que saiba que estou morando onde eu disse que um dia moraria: Floripa. No pé da praia, beijando o sol. Caso você não guarde espaço para mágoas e se lembre de que a vida pode terminar agora, lá em casa sempre vai ter bolo quente e histórias que você ainda não ouviu. Afinal, morena, um dia eu perguntei se poderia ser seu, e você aceitou ser minha. E, se sua memória não for falha, lembre-se de que eu não gosto de quebrar minhas promessas.

ELA É COMPLETA

Ela não gosta que toquem no seu umbigo; na verdade, detesta, tem horror. Fique longe. Beije suas orelhas às vezes. Mas tem que ser aquele pouco-quase-nada, só para deixá-la louca e dar seu recado: você a quer. E isso vai ser necessário para manter a relação de vocês viva, contínua, pegando fogo. Ou a casa incendeia ou ela joga água na chama e te manda embora.

Apegada, não muito. Romântica, sempre foi. Contudo, o seu amor-próprio vem antes avisando que ela não é guria que gosta do morno e tem fobia de metades. Quando muito, é equilibrista para viver em cima do muro.

Ah, coloque Tiago Iorc como música de despertador quando tiverem que acordar cedo. Enquanto ela estiver no banho, correndo pelada pela casa, gritando atrás das roupas, prepare o café. Um suco de laranja, pão com queijo e uma mão na bunda de despedida. Pronto, assim já terá seu ticket de retorno. Como já percebeu, a vida dela é agitada, cheia de planos e sonhos. Ajude a realizá-los, sonhe junto com ela. Se você se mostrar diferente de todos os que vieram e os que ainda podem vir, sua nova guria perceberá e, então, será sua enquanto alimentar esse amor. Você sabe, né?! Amor sem atipicidade é o investimento para o tédio assassinar o tesão.

E, por favor, não esqueça: sempre que vocês forem sair, pegue um casaco. Friorenta por natureza, vai ficar de mau

humor fácil. Nunca a deixe passar frio ou sentir fome. Uma hora ou outra ela vai ficar de cara amarrada, vai fazer beijo e ficar quieta. Deixe-a. Não pergunte e nem tente entender o porquê. Ela é assim, um tanto aluada. Respeite seu espaço. Cuide, seja generoso, ame viajar, tenha vontade, proteja a ingenuidade dela sobre a maldade alheia.

Agora, você é o cara! Se a conheço bem, desculpas não são sinônimo de arrependimento e sentir saudade não será o suficiente para tê-la de volta. Eu sempre a chamei de exigente, mas hoje eu percebo que ela nasceu completa, por isso não aceita metades.

ELE NÃO VEM

Ele não vai voltar.

Não às nove da noite, na hora da novela, nem às seis da tarde pro café.

Não vai adiantar a exuberância do seu vestido no casamento da sua melhor amiga, porque ele só vai se sobrar tempo. Se der. Se não conseguir encontrar alguma desculpa totalmente compreendida por você, vindo do celular dele. Aquele mesmo celular que você tanto teme que envie “saudade” para algum número que não seja o seu.

Você vai rir no meio de uma segunda-feira, porque a vida diz que estar bem é sorrir sem preocupações, sem aqueles buracos de escuridão que a gente tenta tapar com um sorriso, mas acaba não conseguindo.

Hoje também ele não vai aparecer.

E não vai importar quantas pessoas entrem pela porta do bar, nem a sequência de vezes que você vai inclinar a cabeça para olhar para a entrada e verificar...

É só perda de tempo.

Seus amigos planejam viagens e rolês em casais, mas você acaba desistindo porque ele tem uma reunião importante no fim

de semana, quase à meia-noite, numa cidade que nem seu vizinho, que é professor de Geografia, já ouviu falar.

Está doendo.

Suas brigas com o próprio espelho não acontecem porque você sabe que não é a mais bonita do mundo, mas porque tem consciência de que está sendo a mais trouxa do momento.

E você sabe disso.

Ele vai sumir, assim como quem morre sem deixar pistas do seu paradeiro. Ele vai desaparecer só pra te deixar louca ou simplesmente porque está de saco cheio da sua falta de amor-próprio.

Talvez hoje ele apareça.

Aí, você começa a andar pela casa, “contando as vantagens dessa relação nos dedos... e se pega cheia de dedos”. Acaba percebendo que o lance de vocês é só na cama, no sofá, em quartos alugados, antes das dez, inexistente nos finais de semana.

O telefone toca.

Alguém liga pra você, mas não é ele. É sua mãe. Você fica puta, inventa um cansaço e diz que vai ligar depois. O telefone não pode ficar ocupado. Não é momento para se correr riscos. Vai que ele pensa que você está falando com outro. Ele é ciumento, mas detesta ciúmes. Você é dele, mas ele não pode ser seu.

O celular vibra.

Seu coração parece acabar de sair de um assalto, sua casa está mais bagunçada que suas próprias emoções e você já ensaia como vai dizer a ele para não reparar na bagunça. Enquanto o armário abraça as roupas perdidas pelo quarto e a água esquenta na chaleira pro chimarrão, você lê a mensagem: “Hoje eu não vou”.

E ele não vem.

FUI SER FELIZ, GURI

Eu falei que iria, não falei? Você ficou lá, fazendo caras e bocas, dizendo para eu descer do carro, mas acreditando que eu jamais o faria. Até hoje eu sinto saudade daquelas sandálias que eu deixei junto no tapete do seu carro importado. Fiz as contas de cabeça depois que eu saí de lá a pé e cheguei à conclusão de que, naquele momento, era só o que te importava. Sua mania de achar que tudo é comprável fez com que você achasse que eu também era um objeto qualquer. E, no fim das contas, eu passei a me considerar um. Mas não me vendo por pouco, e só aceito à vista! A vista de alguém colocando minhas meias em dias frios e aliando-se à minha mãe para falar das minhas crises de sonambulismo.

Tratei de sair por aí, fazer novas amizades, pedalar sem rumo e terminar de ler aquele livro que você me deu quando as coisas ainda estavam bem entre nós. No final da história, o namorado da guria morre. Sim. Eu sei que era evidente porque ele tinha câncer e ela também. Mas o mais surpreendente foi eu pensar que eles iriam morrer juntos. Só que não, quem morreu foi ele. A guria ficou uns meses apanhando de tamanca da saudade, mas depois voltou a viver novamente, a sorrir com os olhos e a sobreviver com as lembranças no bolso. Cheguei até a pensar que você estava debochando de mim quando me deu aquele livro. John Green escreveu a nossa história em linhas tortas.

E sabe o que é pior? A gente havia prometido que nunca nos

deixaríamos. Que nos casaríamos no campo e teríamos um piá chamado Bernardo. Havíamos. Na verdade, eu acho até que foi melhor, sabe? Aquela sua mãe com aqueles incensos loucos, a fumaça do seu cigarro matando os meus pulmões a chineladas e a sua mania irritante de buzinar ininterruptamente após duas horas de atraso em frente à minha casa.

Já senti saudade, hoje só ficaram algumas lembranças. Exatamente como o seu rosto fúnebre naquele carro que um dia já foi nossa casa. Seu sorriso, que um dia foi meu, hoje fica aí, pela noite, tentando encontrar o brilho que um dia já teve. Somos agora meros desconhecidos que, lá atrás, dividiram a mesma escova. Espero que com o vazio do seu banco de carona você tenha aprendido que o essencial não é a velocidade do deslocamento, mas sim a intensidade da companhia, que torna as viagens mais duradouras. Amor, eu já fui. Tô lá. Tô sendo.

FUSCA AZUL

Nossa relação não tinha nome. Era mais que uma amizade e menos que um namoro. Uma junção de propósitos. Um acerto sem denominações. Era uma parceria recíproca. Uma casualidade invejada. Um relacionamento sem atualização de status ou aceitação alheia. Ele tinha um único propósito: aproveitarmos e, talvez, envelhecermos juntos. Ele preservava a ideia de que a vida é muito curta para pensarmos no amanhã. Eu gostava dele, mas ainda me faltava algo. Eu precisava saciar a sede dos meus olhos de enxergar uma aliança no dedo, precisava contar para a minha mãe que eu estava com alguém e perguntar para a minha avó se haveria algum colchão sobrando na casa dela. Eu queria namorar, e ele, não. Ele dizia que estar junto era o suficiente. E aquilo pra mim era ultrajante. Eu queria mais! Não conseguia me alimentar de incertezas, muito menos de sobreviver de hipóteses. Naquela época, a minha necessidade de rotulação era maior do que simplesmente estar com alguém.

Eu o conheci na faculdade. Gaudério, grosso e com sede pela vida. Apesar da sua pouca idade, representava maturidade nas palavras, nos conselhos sobre a vida, enfatizando apenas o que poderíamos levar para além dela. Uma parceria que fez com que eu entendesse o segredo da longevidade: companheirismo. “Alguém que o acompanha nas suas loucuras será alguém que o acompanhará pelo resto da vida.”

Ele tinha um Fusca azul. Uma maldição por todas as gargalhadas que eu já dei ao ver alguém andando em um. Deve ser culpa das correntes que eu quebrei no Orkut. Eu sempre tive horror a Fusca. No meu primeiro romance, fui trocado por um cara que tinha um. O babaca se achava o tal, metido a pegador, havia roubado a minha paixão adolescente e ainda se vangloriava da vitória buzinando a derrota na minha cara. Alimentei um ódio não pelo dono, mas pelo veículo. Ficou uma pendência no passado, uma raiva que seria corrigida no futuro.

Para poder dirigir o Fusca do Gaudério, nascido na fronteira com o Uruguai, não era preciso carteira de motorista. Os agentes de trânsito, quando nos paravam em alguma blitz, apenas solicitavam nossa carteira de vacinação, confirmando se havíamos tomado a antitetânica. O rádio era o som do celular dele. O ar-condicionado era do abano de um caderno e o cinto de segurança era um sinal da cruz e um pedido em oração: “Deus esteja conosco”. Viajamos até Porto Alegre dentro daquele pseudocarro, suando feito uns porcos e rindo feito umas hienas. Um amor de verão. Uma alegria de ter encontrado aquele moço, como dizem por aí.

Eu estava contente, mas ainda faltava algo. Por que ele não simplesmente aceitava meu pedido de namoro? A desculpa para o não era sempre a mesma: estamos juntos e ponto. Não precisamos de denominações, a inveja adora rótulos.

Foi um dos verões mais quentes que vivi. Sem chuva, sem tormenta, sem temporal. Eu não sabia quando era dia, muito menos quando a noite chegava. Quando março se anunciou, trouxe com ele uma notícia: “Preciso ir às pressas para minha cidade. Meu pai precisou ser internado no hospital e tenho de ir vê-lo. Volto assim que puder. Mandarei notícias assim que tiver mais detalhes”. Seis horas de viagem era o tempo que nos separava. Para mim parecia uma eternidade. Relacionamento a distância, no meu conceito, é como querer tomar sol na Antártida, não dá! Não funciona. Não engrena.

A gente tenta ficar quente e acaba saindo gelado. Ele foi e me deixou aos pedaços, dizendo que voltaria assim que desse. Mas não voltava, não ligava e não atendia. Parei de conhecer novos

lugares, de arquitetar alguma estratégia para conscientizá-lo de que precisávamos oficializar nosso namoro e deixei de atualizar a minha carteira de vacinação. Depois de algum tempo tentando me recuperar da despedida brusca – e sem nenhuma notícia do seu paradeiro –, recebi uma mensagem: “Se você ainda não entendeu, estamos juntos, e é isso o que importa. Meu pai está melhor e minha mãe quer saber quem é o guri do sorriso simpático que aparece em todas as fotos do meu celular. Falei pra ela que era alguém, mais que um amigo, provavelmente um namorado. O que você acha? Ah, e já tomou sua vacina? Tô chegando em seis horas”.

Apreendi que o amor nem sempre exige rótulos. Passei a comemorar por estar junto e não por estar durando. Percebi que existem muitos sentimentos que ainda não ganharam nome e que, talvez, nem ganhem. Companheirismo é o segredo para a durabilidade, o formol do encantamento. E a simplicidade é o que nos mantém vivos. E é umas das maiores riquezas que podemos levar para além deste plano carnal.

GURIA DE FUNDAMENTO

Tô passando agora na sua casa para irmos de mochila ao encontro do mundo. Você se ajeita na carona da minha magrela e eu prometo te fazer a guria mais feliz que essa gurizada já viu. A gente larga tudo, vende o medo e o negocia com a nossa aventura. Eu já ando tão cansado de caminhar só comigo, que viajaria de Pelotas a Salvador com você nos meus braços.

Já desenhei seu nome na porta do meu apartamento e já disse pro seu pai que você é minha. Minha saudade fica brigando com o relógio e a porta lá de casa faz até um barulho diferente quando você volta. Não sei, tô desconfiado que seja a sua bondade, a sua camiseta do Grêmio manchada de mostarda, o seu cheiro de roupa limpa, a sua boca falando minha língua, os seus olhos me mostrando companheirismo no final da estrada. Ai, guria, eu compartilharia com você minha escova, o pudim da minha avó e a minha lâmina de barbear, tudo isso só para ver sua boca pronunciando as três primeiras letras do meu nome, pra encontrá-la em uma sexta-feira à noite, não para irmos ao melhor restaurante, mas para vivermos o melhor da vida. Eu largaria meu emprego de gravata só para vivermos como loucos por aí.

Nem que isso me custasse o título de sonhador. No entanto, depois de ser deixado tantas vezes no meio da estrada, a expressão “seguir em frente” passou a ser minha filosofia de vida. Então, arruma suas coisas que hoje eu tô chegando aí. Entendi, depois de tanto tempo, que eu precisava, sim, ser “o

cara” para poder, então, encontrar uma guria de fundamento.

IDIOTA É VOCÊ

Idiota é você, que visualiza as mensagens dela e só responde depois de ter cansado de bancar o gostosão despreocupado.

Idiota é você, que não sabe o quanto o sorriso dela é bonito em dias nublados e também nas manhãs mais cinzentas.

Idiota é você, que ainda não deu boas gargalhadas, quase sem conseguir acreditar nas bobagens que ela diz dormindo.

Idiota é você, que mal sabe das histórias bacanas que ela guarda na bolsa de pano, as quais só tira quando os seus olhos denunciam interesse.

Idiota é você, que não sabe que ela canta mal pra caramba, mas que deixa o mundo vazio sem a sua voz.

Idiota é você, que nunca viu quando ela acorda atrasada, correndo sem roupa, tentando decidir se come ou se dança em frente ao espelho.

Idiota é você, que nunca leu nada dela, nunca emprestou a ela nenhuma camiseta G em noites atípicas, tampouco comeu do bolo que ela se gaba em dizer que é feito com amor.

Idiota é você que vai perder os melhores filmes e deixar de manchar o sofá com Nutella.

Idiota é você, que prefere dar gelo a amasso.

Idiota é você, que não fode, mas também não sai de trás da moita.

Idiota é você, que adora pôr as expectativas dela em banho-maria.

Idiota é você, que se alimenta dos sentimentos dela só para engordar seu ego.

Idiota é você, que acha que ela vai continuar com um embuste desse por muito tempo.

MATE QUEM JÁ TE MATOU HÁ TEMPOS

Antes de começar será preciso terminar. Você terá que ser assassina das suas piores lembranças para voltar a ser ré primária, sem feridas abertas e sem resquícios de amores sujos.

Será preciso esfaquear o ponto e vírgula, tacar fogo nas malditas reticências e fazer as pazes com o ponto final. Não será apenas preciso, mas sim fundamental. É como beber água no deserto, como rezar com mais afinco em noites tristes, como esperar tempos mornos em dias castigados. Vá por mim. Entenda o quão importante é largar a mão de quem precisa ir. Sem dó, sem culpa, sem o medo de a sua mão nunca mais encaixar com afinidade de novo. Também compreenda que não entender de início é natural, que a agonia vai brincar com os seus cabelos e que, sim, a ansiedade vai te pedir Rivotril com gelo.

Depois que toda essa bad passar, seu presente vai te pedir forças para deixar de guardar seus fantasmas em caixas e, finalmente, enterrá-los. Tudo isso para não correr o risco de eles caírem de cima do armário, bagunçando novamente seu quarto, sua vida e suas emoções. Você me entende? Percebe quão importante é isso?

Nunca nos ensinaram a deixar ninguém para trás, a dizer um adeus educado. Nunca. E com isso não conseguimos entender

que partidas também geram chegadas, que amores acabam, que pessoas mudam e trocam de lugar.

Seja uma assassina! Mate o que te mata, enterre o que já te enterrou há tempos. Mas será preciso ter a manha de um criminoso para que você consiga voltar a acreditar no mundo como uma criança inocente.

MINHA AVÓ E O BADOO

Tenho uma avó que, aos sessenta e sete anos de idade, terminou um casamento frustrado, embasada na filosofia de que nunca é tarde para recomeçarmos.

Sem dinheiro e sem opções de lazer, por estar com um saldo negativo no banco, resolvi fazer a minha mochila e ir passar as férias na casa da vovó. Assim, faríamos companhia um ao outro e eu emprestaria meus ouvidos às histórias que a libriana adora me recontar, só para cairmos na gargalhada.

Desde pequeno, sempre tive muito apreço pela dona Ana. Mulher forte, entrou na luta da vida muito cedo e criou os dois filhos sozinha. Foi casada com o seu primeiro marido durante vinte anos. Insatisfeita com a relação, não se deixou levar pela acomodação, e enfrentou a separação. Indecisão é uma contrariedade para quem nasce entre setembro e outubro; quando os da balança decidem algo, minha amiga, não há Cristo que os faça mudar de ideia.

E com minha avó não foi diferente. Alguns anos mais tarde, sua vida amorosa recomeçou, gradativamente, e ela acabou por viver mais um longo relacionamento, dessa vez por quinze anos. Após a descoberta de uma traição, reuniu os pertences do velho em umas caixas e lhe desejou boa sorte na nova vida bem longe de casa. A dor da decepção não era apenas acometida pelo lado carnal, mas pela falta de consideração pelos anos de comprometimento com a felicidade do companheiro e pela

ausência de respeito ao afeto que nutriam um pelo outro.

Foi em uma noite fria de agosto que decidimos criar para ela um perfil no Badoo. Desajeitada, estranhando a nova rede social, ela reconheceu amigos divorciados que procuravam novas companhias, amigos de infância com os quais havia perdido contato. Eram vovôs bigodes com promessas de um amor piegas. Minha avó me ensinava, subjetivamente, a não desacreditar na felicidade a dois, embora ela pareça ser muito difícil de ser alcançada. Não importa se mais da metade do mundo está interessada em substituir antes de tentar consertar, se você estiver disposto a fazer o contrário, pode ter a certeza de que a vida irá te aproximar de vibrações parecidas com a sua.

Minha avó também me ensinou que a dor é o processo para a evolução do espírito e que a morte deve ser encarada com a naturalidade de um novo recomeço. Todos nós, um dia, voltaremos para casa também. E, por isso, não devemos, nunca, em hipótese alguma, deixar o medo esfolar nossos sonhos.

PODE NÃO DAR CERTO

Achei que era por conta do jeito dele de se portar, de seus maus modos ou daquela incapacidade de ser alguém normal. Depois, achei que poderia ser porque ele gostava das mesmas coisas que eu, ou por causa do jeito que sua cabeça inclinava para trás toda vez que ria. Tinha cara de gente cheirosa. E era mesmo. Ele era o tipo daquelas pessoas que passam o perfume para a sua roupa e o cheiro fica morando no seu olfato, na sua mente, deixando você balançado por dias e dias, fazendo você sorrir sem querer. Aliás, falando em risada, até hoje eu escuto o som daquela gargalhada nas minhas madrugadas. Ele ria de tudo. Ria das nossas brigas, ria da vida que amava viver. Até tive que ir em uma mulher que prometia me fazer esquecer a pessoa amada em uma semana. Mas aí eu me dei conta de que aquilo não funcionaria. Ninguém poderia fazer uma promessa como aquela.

Foram meses de pipoca no tapete do quarto, roupas que não eram minhas no guarda-roupa, toalha de mesa manchada de café e uns papéis amarelos colados pelo apartamento inteiro com frases do Gabito Nunes. Demorei um tempo para perceber que milagres e coincidências são para pessoas que fazem as coisas acontecerem, não para aquelas que os esperam. Tive que entender que, às vezes, vai vir alguém que vai dar a entender que chegou para ficar, que não irá embora no meio da noite,

dizendo que trabalha cedo no dia seguinte.

Vocês vão rir juntos por algumas semanas, vão viajar para o país vizinho, vão comer pudim feito de feijão, vão pedalar juntos de poncho no frio, vão comer pizza até a barriga reclamar, vão assistir mil vezes a *(500) Dias com ela* enquanto se amam e, mesmo assim, nem sempre irão ficar juntos no final. Não vai dar certo. Não deu. Não dei. Pelo menos, não agora.

SERÁ QUE CASO OU COMPRO UMA BICICLETA?

Casar é propósito de crescimento, compromisso com a lealdade, uma proposta de envelhecer ao lado de alguém, de ser o subsídio nas horas turvas e de doar os olhos quando as circunstâncias cegarem o companheiro. Unir-se a alguém é muito mais que uma aliança dourada no dedo, a mudança de status nas redes sociais ou contar com uma pessoa a mais para pagar as contas. O casamento vai além do “sim” no altar e do juramento “na saúde e na doença” ou “até que o divórcio os separe”. Pra mim, quem casa é porque já não consegue mais morar em si e precisa de outro para ter uma segunda acolhida. É como uma compra a prazo, com parcelas de convivência com os defeitos, com as manias e os trejeitos. Um bambolê de personalidades distintas. Um desafio de dois ganhadores. Só perde quem cai na rotina e é esmagado pela comodidade.

O amor também é nutrido com carinho a qualquer momento e sexo sem hora marcada por arquitetos que constroem a continuidade do encantamento.

Mas e quanto à bicicleta? A bicicleta é ela e pronto. Ela não diz nada se você chegar tarde em casa e nem reclama de toalha

molhada em cima da cama. A bicicleta é simples, prática e pode ser uma das suas melhores amigas. Você sobe nela, pedala e sai por aí. Ela te carrega no colo e te mostra o mundo. Dona de uma capacidade quase que indescritível, a bicicleta proporciona uma sensação de liberdade, com a brisa acariciando seus cabelos; e, diante da confusão do trânsito, a mobilidade entre os carros te oferece a mais infinita leveza, independência e felicidade. Como se ela fosse sua casa e seu refúgio nos momentos mais difíceis.

Mas vem cá?! Quem vai passar o domingo ao seu lado quando você estiver com frio e cansada? Quem vai te fazer companhia em uma sexta-feira de feriado? Quem vai cobrar sua presença quando sentir saudades suas? Quem vai te levar mais papel higiênico quando o rolo acabar? Quem irá reclamar da toalha molhada em cima da cama e da louça que ninguém ajuda a lavar?

Ter uma bicicleta é ótimo, mas eu sugiro que você também se case. O dia em que o casamento estiver tenso e pesado, pegue sua companheira e saia por aí a fim de refrescar a mente. Desgaste os pneus da bike, e não o relacionamento. Traia apenas o caminho que você costumava fazer antes. Mude a rota. Explore novos horizontes. Grite de raiva e chute o quadro quando ela inventar de deixar a correia escapar bem no meio de um cruzamento. Grite! Xingue! Ame e odeie sua magrela. Deixe-a em um canto quando ela estiver muito enjoada, esqueça-se dela por um tempo e depois pegue-a de novo. Porque com a bicicleta dá! Dá e pode. Agora, no casamento, na primeira esquecida um dos pneus já vai furar. No segundo grito o da frente já esvaziou. Na terceira esquecida, na quarta briga, na quinta confusão, no sexto xingamento os pneus já estão murchos, os freios frouxos e a lataria enferrujada por falta de cuidado. Aí, minha amiga, não adianta tapar o furo com tachinha. Nem implorar para o moço da manutenção trazê-lo de volta.

Cuidar do que é seu é uma tarefa para a qual você foi ensinada desde pequena, e a regra se aplica em todas as situações. Cuide e se dedique ao afeto de quem está ao seu lado. Então, case! Case e também compre uma bicicleta.

TALVEZ EU NÃO VOLTE

Alguém tem que ser o mal-educado. Pegar a carteira, as chaves, o celular e ir embora no meio da madrugada. E sem dar muitas satisfações, inventando alguma desculpa esfarrapada, dizendo que trabalha cedo no dia seguinte ou que a mãe já ligou nove vezes. Vai se despedir sem dar tempo do outro retribuir alguma palavra, sem dar beijos de tchau, dizer “durma com Deus” ou “nos vemos amanhã!”.

Tudo mudou nesses últimos meses: as mensagens não eram recebidas com a ansiedade de sempre, as chamadas perdidas não ganhavam a felicidade de serem retornadas. A ânsia de contar as horas para minimizar a distância dos enamorados passou a ser sinônimo de obrigação e de prisão. De deixar o ciúme falar mais alto, só porque alertava perigo, potencializava o medo de ser substituído por alguém melhor.

Foram meses de muita cerveja, vodka, sexo, cigarro e música. A gente se amou muito nessas últimas semanas. Tivemos nossa maior batalha travada: conviver com os limites um do outro. Barracos no meio da rua, pneus cantando no meio de uma via movimentada, acampamentos com porre programado, viagens para a cidade vizinha, noites sem dormir, caixas de Rivotril e o sentimento de desespero ao ouvir “sua chamada está sendo encaminhada para a caixa de mensagens” e gritos de “me esquece”. O tempo, muito do abusado, não deu trégua para que nos recuperássemos dos nossos traumas, dos erros perdoáveis,

das palavras ditas por bocas motivadas pela dor do retruque.

Hoje foi um dia em que levantei sem ter uma nova mensagem sua. Não que eu a espere todas as manhãs, mas acho que acabei me acostumando com elas. É normal eu checar o celular a cada cinco minutos para ver se tem uma nova notificação. Não que eu esteja esperando por isso, só ainda não perdi o hábito.

Por mais que me pareça difícil, eu tenho que te deixar ir. Arrumar as malas, tirar as fotos que restam pelo quarto e tentar ocupar a mente com qualquer atividade quando a saudade bater. Tenho que ser forte, ler três livros ao mesmo tempo, se preciso for. Fazer aula de italiano, viajar, estudar culinária, cantar o refrão da nossa música favorita com aquela pronúncia de inglês que é só minha. Preciso ter maturidade e admitir que o interesse do relacionamento partiu. Todos me abandonaram, até mesmo o amor. Saiu sem avisar, tão assustado no meio de tantas brigas e discussões que preferiu ser educado e sair à francesa.

Ontem, enquanto eu arrumava minhas roupas, retirando algumas suas que tinham ficado pra trás, encontrei uma sacola. Elas estavam amassadas, jogadas no fundo do armário. Resolvi apostar na teimosia e verificar se ainda tinha algo dentro. Lá, bem no fundo da sacola, tinha um papel esquecido com a seguinte frase: “Feliz dia oito, amor”. Era o dia oito de um mês do nosso primeiro aniversário de namoro... Peguei a sacola de roupa, o papel, uma caneta e fiquei sentado em nossa antiga cama de solteiro, com o cheiro de ácaro de que você tanto reclamava.

A nossa história acabou. Contudo, a amizade me mandou te dizer que daqui ela não sai. A única que pede alguma coisa nesse momento é a mente, que vai precisar ficar longe para conseguir lidar com a sua ausência. Dividiremos apenas o mesmo pensamento: *temos que seguir em frente*. Arquitetando o plano de nos esquecermos ou, então, de pelo menos tentarmos.

Obrigado pelos dias de sol por aí, pelas longas noites de conversa, pelas gargalhadas ecoadas nas madrugadas vazias de Pelotas, pelas pedaladas sem rumo, pelos abraços em dias frios, por ter sido meus olhos quando as decisões me cegaram. Eu te amei tanto que infelizmente não tive espaço para conseguir me

amar de volta.

A vida está me chamando lá fora, e está chamando você também. Aproveitei para pedir ao chefe lá de cima que cuide desse seu sorriso, já que não estarei mais por perto. Vá viver!

Eu já vou me despedindo aqui, antes que as lágrimas borrem as lembranças dos meses mais felizes que tive na vida. Ah, e não me espere pra jantar hoje à noite. Talvez eu não volte.

SUA MÃE JÁ SABE QUE ELA É MINHA SOGRA?

A gente pode morar numa casa simples numa campanha. Compramos uma vaca, algumas ovelhinhas, e eu deixo você escolher o nome do nosso cachorro. Eu posso fazer mil poemas se você prometer me amar por mil e uma noites. Nós jogamos o telefone no rio, vendemos o computador e estabelecemos a conexão entre a nossa cumplicidade e o som da natureza me dizendo o quanto a vida se torna uma delícia com você. Tédio ao seu lado é o analfabetismo da monotonia diante das atipicidades.

Há sete meses o médico me diagnosticou com carencite crônica. E me disse que não tinha cura. Segundo ele, ninguém morre pela própria doença, mas é possível vir a óbito pelas causas que ela traz: saudade contínua, distância prolongada, ausência do seu cheiro no meu cangote.

O único tratamento receitado para as complicações da patologia seria minha mente saciar o acúmulo de comorbidades no palpável, como ter minhas mãos cegas estudando o seu corpo em braile, suas gargalhadas ecoando nas madrugadas vazias, a visualização daquela camiseta azul da Argentina manchada de mostarda, sua paixão por chiclete de damasco, seu chimarrão

derramado, seu cheiro decorado pelo meu olfato, suas panquecas verdes com gosto de amor...

Depois que conheci você, passei a ser o algarismo que vem depois do um. Passei a arquitetar tudo para dois e aprendi a dividir os mesmos furos do chuveiro. Eu não me importo de voltar a escrever à mão, lavar roupas no tanque, cozinhar no fogão à lenha e pintar as janelas com a cor do céu. Juro mesmo. Largaria a cidade grande só pra gritar seu nome no portal da nossa casa de campo, te sequestrar umas bitocas até ter a recompensa do sequestro, sentindo o peso do seu corpo sobre o meu, a sua boca falando minha língua, os seus gemidos sem oxigênio implorando os meus.

A gente fica lá, no meio do nada, ouvindo as rãs compondo a canção da noite e os vagalumes iluminando a escuridão.

Eu troco toda minha coleção de bolinhas de gude, só pra ter o seu sobrenome no meu.

SEUS AMIGOS ADVERTEM: A IDEALIZAÇÃO QUE VOCÊ ACHA QUE É AMOR É, NA VERDADE, EMBUSTE

Embuste, para quem não sabe, é uma pessoa ruim, que faz mal ao outro de maneira propositada ou involuntária. Boy lixo, amor bosta, aquele que merece oração e uma vela branca para ver se ganha um pouco de luz. Todo mundo já bateu de cara com um, já deu para ou já comeu um. Whatever.

O alerta deste texto é o seguinte: a gente sempre acaba idealizando. Apaixonados, com o nosso nível de endorfina lá em cima, potencializamos as qualidades e jogamos os defeitos para baixo do tapete. Foda-se se o cara fuma e eu odeio cigarro, ele é maneiro demais para eu dar bola para isso. Foda-se se a mina se demonstrou ciumenta na primeira semana, com o tempo ela muda. Mas, no fim da história, o problema que te incomodava desde o começo vira o motivo para o ponto final.

Seus amigos, tendo uma visão panorâmica da situação, pautados na análise do seu comportamento e do outro, podem te mostrar as verdades que você não enxerga quando está cego.

Não seja uma daquelas pessoas que alugam os ouvidos dos outros, reclamando que o cara é um bosta ou que a mina não entende seus horários, se você não se compromete a resolver, de uma vez por todas, o problema.

Ouçá-os, escute os alertas que eles têm a fazer. Previna-se do “eu avisei”. Seja consciente, cuide da sua saúde mental e gerencie seus sentimentos. Ainda que o amor seja sempre um risco, é importante que você analise muito bem os defeitos do outro, que saiba da existência deles e como irá enfrentá-los. A inteligência está em não esperar a pessoa perfeita, mas em saber lidar com os defeitos, no caso os limites, de alguém que pareça ideal.

POR QUE AS RELAÇÕES DE AGORA ANDAM TÃO FRACAS?

Eu conheci um guri, desses bonitinhos, de barba e chinelo havaianas. Tínhamos muito em comum, desde os sonhos mais bobinhos até aquelas loucuras que a gente esconde inclusive do melhor amigo. Eu nunca fui muito bom em disfarçar o interesse e ponderar atitudes com o objetivo de mostrar ao outro que eu não estou tão afim assim, mesmo estando.

Aí, depois de algumas semanas conversando por horas, mandando textões de confidências e com o fundinho de consciência que as coisas ali iam alavancar, veio o balde de gelo: ele simplesmente parou de me responder. Não atendeu mais as ligações, levou dois dias para visualizar minha última mensagem e desapareceu do mapa. E é esse tipo de sumida que eu mais condeno.

Então, um dia, enquanto eu estava escutando um modão no fone a caminho da faculdade, vi na timeline dele uma foto meio conceitual, meio indireta. E lá estava a legenda: “Você é meu

trevo de quatro folhas”. Na foto em preto e branco, ele sorria ao lado de um sorriso mais bonito que o meu e o dele juntos. Não fiquei puto por ele supostamente estar feliz. Fiquei triste por ter sido uma revista velha de dentista que ele encontrou para ler; olhou as imagens bonitinhas, as matérias com histórias interessantes e, na hora que alguém o chamou, fui deixada de lado pra ser lida num outro dia qualquer, se existir a oportunidade.

O problema não está no fato de o outro ser feliz com alguém que não seja eu, mas não lembrar que a minha felicidade também se alimenta de respeito e de responsabilidade emocional. Um “Tchau! Não te quero mais” até pode doer, mas nunca irá machucar mais que o silêncio exigindo uma resposta a ser elaborada por nós mesmos.

O AMOR É UMA DROGA

O amor é uma droga. Talvez não ele, mas a minha intenção de querer que seja. Eu sei que preciso primeiro me convencer de que não posso mais seguir com isso, mas estou vendo que é mais fácil convencer aos outros do que a mim. É mais simples eu ocupar os minutos das pessoas, não para me ajudarem a esquecer você, mas para me darem espaço para eu poder falar de você só mais um pouco...

Agora, se for para culpar alguém para minimizar minha incompetência, devemos é culpar a esperança. É ela que me manipula. É ela que fica em volta de mim pulando feito uma criança mimada, dizendo: “Fica mais um pouco, vai”. Então, eu, que já sou bobo por natureza, vou ficando, vou te chamando, vou fingindo estar bem com a suposta amizade, vou alimentando a esperança com biscoito, só porque lá no fundo eu acho que uma hora você vai mudar de ideia e a gente vai comemorar o tempo perdido num fim de semana em Gramado.

Pois é. Isso é uma merda. Eu já sei, você já sabe e até minha mãe me ligou esses dias para falar isso. O pessoal lá do trabalho, que já não aguenta mais encher minha mesa com post-its dizendo: “você precisa deixar esse cara ir embora”, não percebeu ainda que não é você que tem que partir, mas eu é que tenho que tomar meu rumo sem você.

QUANDO A CASUALIDADE É UM PROBLEMA PARA QUEM PREFERE A CONTINUIDADE

Eu passo mal toda maldita vez. Já até tentei adiar o sexo para os próximos encontros, mas percebi que a ordem da gozada, na maioria das vezes, não altera o processo da continuidade.

Transar pra mim é diferente de fazer sexo. Transar é saciar um desejo carnal, a vontade de esfregar o corpo em outro e se envolver no tesão sem muita firula, sem grandes exigências. Já o sexo é quando acontece o entrelace das mãos, quando os olhos se permitem gemer na estabilidade do olhar, quando é tão bom, mas tão bom, que a gente até se reserva alguns segundos para pensar: *Putá que o pariu, como foi bom*. No sexo, você vai de puta a santa e estremece nos extremos.

Quando o sexo é bom, eu me apaixono fácil, não exclusivamente pela pessoa, mas pelo que ela me proporciona. Fico de pneus arriados com a conversa que flui tão bem, com o tesão que já começou com as histórias e com a euforia que grita de ansiedade no silêncio dentro do carro.

Tem mistério e incerteza. Tem o gosto de quero mais. Tem a incessante dúvida de saber se devo ir com tudo ou ir jogando

alguns porquês em volta da pessoa, para ver se ela vem aos pouquinhos, e eu acabo dando a sorte de ela se apaixonar por algum detalhe meu que nem mesmo eu me dou conta, decidindo, então, ficar...

Casualidade não incomoda quando você só sente vontade de transar. Mas e quando o sexo é bom? Como lidar com a vontade de continuar? Eis a questão.

HOJE NÃO ACORDEI LEGAL

Acho que cansei. Cansei de carregar pilhas de livros pra lá e pra cá, cansei de levantar a mão na aula com o coração palpitando, cansei de trabalhar até as duas da manhã, tendo que acordar às seis. Cansei de engrossar a voz para impor seriedade diante de estranhos, cansei de ir a encontros com a sensação de que aquilo era uma entrevista de emprego, cansei de precisar convencer o mundo de que sou inteligente, esperto e que posso chegar aonde tenho vontade. Cansei. Cansei. Cansei.

E se eu não souber mais para onde ir? E se aquele job perfeito que eu queria tanto não tiver mais nada a ver comigo? E se eu tiver enjoado de levar comida em potes e me sentir exausto por cantar “Parabéns a você” para alguém a quem, no máximo, só dou bom-dia?

Sei que tudo isso parece patético, desmotivador, dramático. Mas eu também estou cansado de escrever coisas boas mascarando tudo aquilo que está ruim. Tô cansado de ter que fugir do fracasso todos os dias, de ter que me olhar no espelho toda manhã e me convencer de que consigo ir em frente. Tô cansado de ter que ficar convencendo a mim mesmo de que não posso ficar triste nem por um instante.

E eu apenas não sei mais para onde é o caminho, ainda que eu tenha algumas ideias. Tenho me sentido incapaz de enxergar os meus desejos. A única certeza que tenho é a de que estou exausto. Cansado com pessoas que se vão o tempo todo. Essa realidade me parece cada vez mais tediosa que o som do

programa do Faustão numa tarde quente de domingo.

Hoje eu não acordei legal. Acordei querendo fazer um pouco de drama, e não quero me sentir culpado por isso. Quem sabe amanhã eu esteja melhor. Quem sabe eu realmente precise mudar de rumo.

PARECE QUE FOI ONTEM

Parece que foi ontem que eu andava sem roupa em quartos alugados.

Parece que foi ontem que a gente fingia não ser um casal para a sua mãe.

Parece que foi ontem que vi seu pai entrando no quarto com marra de surfista.

Parece que foi ontem que a gente esperava os barulhos sumirem para eu te dar um espaço no meu colchão sincero.

Parece que foi ontem que te roubei um beijo no trapiche de um laranjal estrelado.

Parece que foi ontem que eu tentava dizer à minha família que você era só alguém com quem eu queria multiplicar algumas loucuras.

Parece que foi ontem que andávamos apertados no carro por causa da sua prancha.

Parece que foi ontem que a praia era o nosso mundo.

Parece que foi ontem que estávamos mochilando no país vizinho.

Parece que foi ontem que eu te vi correndo de bunda branca pelo meu apartamento.

Parece que foi ontem que gozamos sob o teto do carro.

Parece que foi ontem que conhecemos lugares aos quais levaríamos nossos netos.

Parece que foi ontem que te emprestei a minha escova de dentes.

Parece que foi ontem que eu usava camisetas que eram suas.

Parece que foi ontem que sentei com você pela primeira vez no encontro dos librianos desencontrados.

Parece que foi ontem que eu te pedi para não beijar ninguém, caso não quisesse me ver de mochila pronta.

Parece que foi ontem que vi sua cara de cachorro, querendo ficar em um abraço que um dia foi seu.

Parece que foi ontem que eu enxergava o modelo do seu carro e me lembrava da gente.

Parece que foi ontem que eu tentei te convencer sobre o meu amor bacana.

Parece que foi ontem que nós nos víamos casados.

Parece que foi ontem que eu escrevia para guardar você.

Parece que foi ontem que eu pensei que conseguiria te esquecer.

VOCÊ É A SUMMER PARA O MEU CORAÇÃO DE TOM

Você, definitivamente, é a Summer. Caso não saiba, eu explico o porquê.

Desprendida, distante e tão bagunçada no próprio passado que não consegue perceber o tanto de coisas boas que acontecem ao seu redor. Vive toda programada para não correr riscos que se autobloqueia quando o sinal vermelho anuncia que alguém está interessado por você. A sensação que tenho quando alguém se aproxima é a de que você parou de dançar e passou apenas a acompanhar a vida com os olhos. Nem seu corpo responde mais aos estímulos do embalo. Você não consegue nem mais chorar com os comerciais de margarina. Você só se deixa levar pelo blasé. Não existe mais aquela vontade de fugir do sofá em um domingo à tarde.

Eu posso imaginar o estrago que fizeram com você antes de eu chegar, mas isso nem de longe é motivo para ainda se prender a essas correntes enferrujadas e cheias de pó herdadas de um passado morto.

Sua alma está cansada e isso dá pra ver de longe. Dá para perceber o quanto você se sente insegura quando seguram sua mão com carinho e o quanto ainda te falta malícia quando te perguntam se existem câmeras na biblioteca que você frequenta.

Enquanto você fica lá, tentando me convencer a fazer meu mapa astral, eu avalio a inutilidade desse pedido, uma vez que eu já sei que o seu sorriso combina muito bem com o meu.

Definitivamente, eu me sinto um eterno Tom. O mesmo Tom Hansen que cria expectativas sem a menor possibilidade de criá-las, que é tão inocente na sua própria loucura, tão bom ator ao fingir não se importar com a casualidade.

Espero que você se cure.

Trate de cuidar das suas feridas e colar na porta do seu quarto um cartaz bem grande dizendo: “Tudo passa”. E não se culpe caso queime um pouco os dedos, pois queimar as velhas lembranças às vezes tem um pouco disso. Será preciso, caso sua ideia seja colocar fogo no colchão mais tarde. Vá por mim.

Desejo guarda-chuva na mochila em noites de temporal depois da aula, pizza com café e moletom emprestado no dia seguinte, antes do trabalho, mais piqueniques cuidadosamente elaborados por alguém especial. Desejo que você volte a acreditar no amor, assim como a Summer se desfez de sua crença ao encontrá-lo no final do filme.

Espero que você fique bem.

Espero que um dia você reapareça.

Não necessariamente pra mim, mas pra vida que insiste em chamá-la.

EU NÃO TE AMEI, MAS GOSTEI DE VOCÊ PRA CARALHO

Eu não amei, não fui um louco apaixonado, não fui nada mais que intenso e pretensioso ao ansiar reticências em vez do ponto final. Mas o fato é que eu gostei de você pra caralho. Amava nossos horários de almoço com sexo no lençol velho. Amava nossas saídas de sexta-feira à noite para algum dos países vizinhos. Amava aquele perfume azul que você usava só de vez em quando. Amava a gente transando em todas as partes possíveis do carro. Amava a gente abusando da nossa juventude. Amava a gente fazendo teatro para esconder o problema que seria contar para os seus pais sobre o nosso lance. Amava sua barriga já-jantei e seus braços de quem fez flexão na semana. Amava construir a vida com você. Odiei quando soube que cabia mais gente entre nós. Eu não te amei por completo, eu era amante dos nossos momentos, de tudo o que vivíamos juntos e das histórias que nos comprometíamos a viver, para, mais tarde, contar para alguns desconhecidos querendo ser conhecidos numa cidade diferente e longe de casa.

Eu fui tarado por você. Tarado como uma puta que se

apaixona pelo cliente. Tarado consciente de que não podia levar aquilo adiante, pois em algum momento cada um precisaria seguir seu próprio rumo. Eu não te amei, mas gostei de você pra caralho.

EMPURRA COM COCA-COLA

Sabe aquela comida ruim? Aquela que a gente tinha que comer quando era pequeno e não podia dar um pio, já que a mãe tinha passado a manhã de domingo inteira fazendo e porque tinha visitas à mesa? Pois é, empurra com Coca-Cola que o negócio desce...

Um dia desses, enquanto eu comia um lanche de rodoviária pingando banha, resolvi enfiar o troço goela abaixo com a ajuda de uns bons goles de Coca-Cola, já que aquilo tinha me custado quase uma passagem para o Nordeste. Isso me fez pensar num vídeo que vi certa vez do Frederico Elboni, no qual ele dizia: “Cala a boca e continua”. O guri apresentava de forma didática as adversidades da vida e como podemos aprender com elas. Que em algum momento vai dar merda, isso é inevitável. O que vai fazer com que evitemos sair tão cagados da próxima vez é a forma como encaramos o problema. Só passando por uma tempestade é que estaremos mais preparados para as próximas.

Se você ainda se ilude com uma vida em equilíbrio, tudo nos conformes, talvez seja a hora de cancelar a Netflix e voltar para a vida real. Os problemas, minha amiga, ainda não se resolvem com aquela famosa fórmula de Bhaskara. Cabe a nós segurar a onda e avaliar se temos condições de resolvê-los. Se a resposta for não, segue o baile. Ou melhor, empurra com Coca-Cola e vai. Porque, às vezes, o tempo costuma ser a nossa melhor alternativa.

SOBRE CONQUISTAR UM LIBRIANO

Conquistar um libriano é fácil. Basta você dizer a ele o que quer da sua vida antes de querê-lo na sua cama. Pronto, cinquenta pontos para a Grifinória. Bem, pensando melhor, librianos não são tão simples. Eles são as pessoas que imaginam o amor perfeito enquanto olham pela janela do ônibus, que sentem uma enorme empatia quando veem algum casal sinérgico no cinema, que soletram para eles mesmos o nome da pessoa que acabou de adicioná-los, imaginando se aquele nome lhes soa bem para ser dito pelo resto de suas vidas. Caso contrário, sua cabeça já começa a pensar num plano B: algum apelido.

Librianos são intensos, loucos e difíceis de serem decifrados momentaneamente. Ora amam pêssego, ora fazem protestos contra o caroço que há neles. A gente nunca sabe quando vai ser possível decifrar seus gostos. E talvez por isso é que se dão tão bem com geminianos. Libriano é bicho bravo. Jamais ouse furar a fila diante de seus olhos ou cometer alguma ilegalidade em sua presença, a menos que você queira sair esfolado. Os librianos são a galera da justiça. Isso não quer dizer que eles nunca saiam da linha, mas nas poucas vezes em que isso acontece, é sempre com um pouco de culpa.

Libra consiste numa eterna exigência com o equilíbrio. Vivem para deixar tudo nos conformes e procuram pessoas que pretendem o mesmo. Muitos passam a vida correndo atrás do amor perfeito, da vida perfeita, do dinheiro perfeito, da saúde perfeita. E muitos se esquecem de ouvir os conselhos dos amigos arianos de que nem tudo dá pra ser tão minimamente planejado.

Para amar librianos é preciso ter paciência. É preciso saber

que eles adoram um drama e o palco das amizades. Libriano é líder nato, adora comandar, adora falar, mas odeia ser contrariado, ainda que seja flexível. Se deixar, seu hobby favorito é liderar como primeira-dama. É desconfortável demais para um libriano ganhar inimigos, pois sua simpatia natural adoece ao perceber isso. Ele nasceu para ser livre. Não se assuste se no segundo encontro o libriano fizer um piquenique e te convidar para viajar no outro final de semana. É assim mesmo, librianos detestam esperar. Se estão afim, serão os mais parceiros, amorosos e canalhas na cama. Se sentirem que não vai dar certo, eles simplesmente pegam suas coisas e vão embora. Libra não planta em terra seca.

HOW I MET YOUR MOTHER É A TEORIA DOS CRUSHES

Quem já assistiu a *How I Met Your Mother* vai lembrar perfeitamente da analogia, e quem nunca viu vai se identificar com ela.

Pelas minhas contas, existem três tipos de pessoas no mundo: Robin, Ted e Barney.

A Robin é aquela pessoa que tem aversão à palavra “nós”. Ou seja, é quem preserva a individualidade, defende que cada macaco tem de ficar no seu galho e que não tem espaço para duas escovas no mesmo banheiro. No entanto, pode existir uma brecha, pois o sistema às vezes apresenta uma falha. Ainda que não admire tanto a continuidade para si, a casualidade também não é seu hobby predileto.

Já o Barney é uma pessoa exclusivamente focada em sexo. Ele quer foder, não fazer amor de mãos dadas ao som de Tiago Iorc. É um pegador de primeira, desenvolvido nas cantadas e incrivelmente gostoso. Barney é aquele que faz a mulher suar no colchão e levanta momentos depois desfilando sua bunda branca até o banheiro, sustentando a pose de macho sedutor.

Por fim, mas não menos importante, nós temos o Ted. Aquele

que sempre sonhou com o amor verdadeiro, que chora com vídeos de casamentos e que tenta ser casual a cada nova decepção, mas sempre acaba falhando, como todos os projetos de verão que abandonamos no meio do caminho. Ted é a pessoa fora do círculo, aquele que idealiza o amor da vida, mas que continua sorrindo para si, ainda que não tenha encontrado seu sorriso predileto.

O lance de tudo isso está em reconhecermos o quanto antes as pessoas com as quais nos relacionamos. É como aplicar a peneira da Jout Jout, entendendo que, se Ted quiser alguma coisa com Barney, deverá estar ciente desde o começo de que tudo o que Barney pode lhe oferecer é sexo. E que seja divertido aproveitando os momentos na cama e não gastando energia imaginando algo parecido com os filmes protagonizados pela Julia Roberts. Da mesma forma, se Ted quiser se relacionar com Robin, dependendo do nível de afinidade, até poderá se beneficiar da falha do sistema, mas é preciso entender que a paixão pela individualidade não se transforma em amor pela continuidade da noite para o dia. Às vezes, isso nem acontece. O incerto é a nossa maior dualidade. O negócio é arriscar e ter consciência do quanto estamos dispostos a pagar pela esperança da mudança. Ou, então, o melhor mesmo é irmos atrás de quem tem as mesmas expectativas que nós.

VOCÊ TEM UMA NOVA MENSAGEM

Talvez você não se importe com isso, mas eu me importo... Desculpa sair assim, correndo e sem avisar, mas é que eu tenho pressa de não chegar tão longe...

Sem ser clichê, você é uma mulher incrível. Exatamente como eu pensei que seria antes de nos conhecermos pessoalmente. Inteligente, dona de um sorriso anestésico e com princípios raros que a tornam tão diferente das outras. No entanto, existe uma coisa chamada química, e eu infelizmente não senti que existe isso entre a gente. Parece que algo não fechou, não engrenou, não rolou aquele tesão necessário para conseguirmos seguir em frente, sabe? E eu lamento, lamento mesmo. Gostaria de ter sentido isso com alguém tão legal como você. Gostaria que no nosso primeiro beijo eu não ficasse tentando encontrar formas de encaixes perfeitos, gostaria que o seu abraço tivesse sinônimo de tranquilidade, conforto, cheiro de roupa limpa, mas não foi bem assim. É como se tivessem esquecido de ligar algo, de fazer o “plim”. Ainda que também dependa um pouco de mim o fazer com que a reciprocidade aconteça, existem coisas

que nem eu sei explicar direito. Apenas não funciona. Não engrena.

Não vou achar estranho se você me achar um completo louco depois dessa mensagem. Estávamos juntos há duas semanas? Ou há um cinema, um pedaço da noite do outro dia e dois jantares? Bem, não importa o tempo! Pra quem já sofreu com vácuos e desaparecimentos nada conclusivos, nada mais justo que propagar a clareza dos porquês.

Obrigado pelos dias legais que tivemos. De verdade! Espero, com toda honestidade que a vida me ensinou a ter, que possamos encontrar pessoas tão legais quanto a gente consegue ser.

Beijos!

A QUE HORAS VOCÊ SAI DO TRABALHO?

A que horas você sai do trabalho? Eu estava pensando em ir até aí buscar você, dar uma passadinha rápida na padaria e pegar alguns bolinhos de queijo para irmos comendo no caminho, enquanto você ajeita o blusão enfiando um braço de cada vez para se proteger do frio. Com passos largos para não perdermos o ônibus, vou te contando como foi minha semana, revezando minhas loucuras com seu discurso pronto de que não aguenta mais encher o cu do seu chefe capitalista e egocêntrico de dinheiro.

Aí, no meio das nossas especulações mundanas e daquele barulho das ruas que aumenta depois das seis, nós nos damos conta de que o nosso tempo é incerto e de que relembrar os sonhos é uma forma interessante de pensarmos numa ponte até eles. Eu falo de uma casa na praia, mas você insiste numa casa no campo. Fala que é impossível criar uma vaca a alguns metros do mar e eu respondo dizendo que quando há amor na casa, pouco importa o endereço.

Apressados pelo relógio, fico propositalmente um pouco atrás vendo seu sorriso atravessar a rua. Aos poucos, tudo vai ficando em silêncio e eu começo a sentir aquela felicidadezinha no peito, com a sensação de fim de tarde num dia de verão, mesmo que estejamos em pleno inverno gaúcho.

Sortudos e juntos, um ao lado do outro no ônibus, a caminho da sua casa, eu vejo casais pelo vidro e, pela primeira vez, não me sinto perdido. Vou embora com a sensação de ter encontrado em você um amor que não veio com prazo de validade.

BEM QUE EU QUERIA

Bem que eu queria, garoto! Mas é mais fácil o Tiago Iorc cantar na minha janela do que você aparecer na minha porta. São quantos quilômetros, mesmo? Nem contei para não me assustar. Tenho uma mania ridícula de exagerar no eufemismo e esquecer que nem tudo dá pra ser suavizado. Às vezes, acho melhor manter a cabeça nos sonhos, assim não me chateio tanto com a minha realidade, que ainda está muito longe de ser *cool*.

Eu tinha até feito planos pra gente. Tudo bonitinho, muito bem arquitetado na minha cabeça. Plaquinha no aeroporto, reserva numa pousada bacana, making love por horas e dois idiotas, mais tarde, se escondendo do relógio para não serem pegos na blitz do tempo. Bem que eu queria, garoto! Bem que eu queria ver a gente perdido por aí, nem que fosse para inflar o ego com umas selfies maneiras ou para andar naquelas bicicletas laranjas à noite. Mas, olha, já calculei aqui: isso não tem a menor chance de dar certo.

Tenho dois reais para passar o mês, e amanhã ainda preciso comprar uma coxinha. Amor a distância é pra quem tem paciência, pra quem gosta de parcelar as coisas em doze vezes e não se importa de alimentar a relação com longas conversas pela internet. Eu? Bom, eu nem tenho carnê. Pareço forte, mas desmorono fácil. Choro feito criança e, vez ou outra, vou acabar precisando de colo.

Existem tantos mercados legais por aqui, tantas padarias em

que poderíamos ter nos esbarrado... Por que foi acontecer com você, que mora depois do oceano, lá na pequê? Ainda que sejamos do mundo e que sejamos bons de conversa, eu não sei amar parcelado, não sei me alimentar só de conversas fragmentadas e de relatos, abrindo mão da vivência diária. Precisamos de uma ponte para desligar o modem. Bem que eu queria, garoto. Bem que eu queria... Mas meu amor só funciona em modo off-line.

NÃO ME ENROLA QUE EU NÃO SOU TEUS BECK

A gente tem que marcar e sair. Determinar horários, falar datas, combinar lugares, propor viagens, dar ideia de filmes, juntar os corpos numa festa, apresentar restaurantes e mostrar músicas um pro outro... Enfim, colocar o interesse na mesa.

Basta chamar para um café para compartilhar histórias, dizer que está afim sem o medo da iniciativa. É preciso colocar o orgulhinho no bolso e trocar, de vez em quando, o sofá pelo chão do parque ao lado de alguém novo.

Tenho pressa de quem tem preguiça, tenho agonia dessa história de “vamos combinar”. Ou é ou não é. Ou pega o busão ou vai de carro. Ou tem dinheiro ou pede emprestado. Ou pode ou simplesmente não dá. Ou fode ou, meu querido, sai da moita.

Eu só bebo água indo com sede ao pote. Do contrário, nem tomo. Eu posso até cair no meio do caminho e me esfolar por inteiro, mas aí eu levanto, mesmo que machucado, e tento entender onde foi o tombo. Já que eu não sei se continuarei vivendo nos próximos segundos, deixo a formalidade no trabalho, na faculdade, nas reuniões semanais e nas intermináveis filas do banco. Aqui é pá-pum. É assim que eu sei viver, à disposição da reciprocidade...

Mas, olha, você não me enrola, porque meu interesse apaga antes do seu beck.

QUANDO AS RESPOSTAS ESTÃO NAS NOSSAS PRÓPRIAS PERGUNTAS

A história foi a seguinte: conheci um cara, a gente ficou, se gostou e, então, ele sumiu. Mandeí um textão para o inbox dele depois de semanas segurando a marimba (leia-se “paciência”) e, alguns minutos depois, ele me respondeu pedindo desculpas, dizendo ser um babaca e prometendo reaver a atitude numa nova conversa. Eu nem respondi. Reli o que eu havia escrito e a resposta dele pelo menos umas trinta vezes. Decidi não replicar. O discurso era igual o anterior, as desculpas eram as mesmas. Aceitar a disponibilidade da conversa era assinar o atestado de trouxa, mais uma vez...

Mas é aí que entra a merda, porque a gente pensa: “Ok, dessa vez vai”. Mas não vai coisíssima nenhuma. Há uma força maligna da trouxisse que nos empurra sempre para pensar que as coisas vão ser diferentes, mas isso dificilmente acontece. Nós nos alimentamos da ideia de que esses comportamentos são normais, de que está tudo bem... Mas, na verdade, o que nos falta são umas boas chineladas do amor-próprio.

Enfim, como de costume, mandei a um amigo a conversa,

pedindo opinião do que fazer: se realmente dava a oportunidade da conversa ou se seguia a vida como qualquer pessoa em sã consciência faria. No entanto, ele me aconselhou a falar, a aceitar o encontro e dar ao cara a décima nona chance. Acatei.

Combinamos de nos encontrar às dez da noite. Às dez o filho da puta tinha que estar entrando no restaurante. Dez da noite era o deadline da última mensagem avisando que a mãe morreu e não poderia comparecer. Paguei a conta sozinho.

Ao girar a chave e entrar no carro pra voltar para casa, percebi que o vazio do banco ao lado não me incomodava. E foi aí que eu lembrei de uma coisa que o Gabito Nunes me ensinou num de seus textos: “Quando você fez tudo o que foi preciso e ainda assim não foi o bastante, é isso que eu chamo de impossível. Não adianta, é só teimosia [...]”. Dormi mais feliz.

Meu amigo que opinou não sabia da missa a metade. Do capítulo, não conhecia um parágrafo. E eu, por incompetência, deixei alguém responder a perguntas para as quais eu já tinha respostas.

NÃO DEU CERTO? VIDA QUE SEGUE

Não estou falando que tem que ser o especialista em colocar a mão na nuca e em falar a mesma língua da pessoa que você quer pegar. Estou falando de iniciativa, de fazer diferente do que os outros já fizeram. Faça uma pesquisa rápida e pergunte às pessoas à sua volta: “Quem foi a pessoa mais inesquecível com quem você já esteve e por quê?”. As respostas dessas perguntas geralmente vêm acompanhadas de um nome e de recordações de momentos atípicos. É indiferente se o casal foi mais caseiro ou se revezaram o peso dos mochilões, o fato é que foi preciso algum elemento novo para inspirar a fazer da história um marco a ser lembrado com entusiasmo mais tarde.

Ofereça algo além dos diálogos curtos e artificiais e não se deixe abalar pela vulnerabilidade que a entrega causa. Se sentiu vontade, abra o WhatsApp e ligue, marque um café, combine um chope depois da aula, um cinema na quinta ou um jantar na sexta. Livre-se de todo aquele receio patético de estar indo rápido demais. Às vezes, fica um lá e outro cá. Os dois ponderando, os dois não querendo se expor demais, os dois seguindo sozinhos no seu canto. Mexa-se!

Nem sempre iremos dar a sorte de encontrar alguém no mesmo grau de interesse que o nosso. Portanto, não tem

problema algum ir atrás em vez de ficar sentado esperando. Sejam mais francos e menos orgulhosos. Respeitemos mais a nossa vontade. Já tem muita gente meia-boca por aí.

Vida que segue.

MEU PRIMEIRO QUASE AMOR

Bom, primeiro foi o Murilo. Eu o conheci numa festa – uma das melhores da cidade, na época. Eu não tinha ideia de como aquele tempo era bom. As cidades pequenas têm um encanto inimaginável: as histórias vividas ali.

Bem, eu me lembro que cheguei à festa com velhos amigos e acabei saindo com novos conhecidos. Murilo dançava sem me dar muita moral e eu tentava não me importar com aquela situação. Fiquei sabendo que ele não costumava ficar com ninguém nas festas, mas que rolaria uma carona mais tarde para casa. Ou seja, a chance de darmos uns beijinhos era real. A parte louca da história é que a melhor amiga do Murilo estava dando uns amassos num cara que eu achava lindo. Ele realmente era o mais gostoso da festa, o Pedro. Mas, assim como eu, todos achavam que o Pedro era hétero, então, para mim, ele nada mais era do que um daqueles caras extremamente bonitos que adoraríamos ter na nossa cama. Normal.

Meus velhos amigos se despediram de mim no meio da noite e eu continuei conversando, sorrindo e me aproximando cada vez mais do grupo de amigos do Murilo. Até hoje, eu acho que o meu maior problema é realmente este: ser legal desde o começo, sem prestar atenção na posição de vulnerabilidade em que eu me coloco.

Dançamos, fomos ao banheiro com copos nas mãos e, então, eu aceitei a esperada carona pra casa. Éramos quatro pessoas no carro: uma amiga que estava dando uns amassos num gostosão, o Bernardo – o boy que dá a maior pinta e diverte todo mundo

–, Murilo e eu. Após deixarmos os outros dois em suas casas, sentindo o vento frio da noite pela janela, fomos em direção à minha. Murilo foi o primeiro cara que eu peguei na mão dentro de um carro. Eu nunca tinha vivido aquela situação, mas algo instintivamente me dizia que eu devia fazer aquilo, então eu fiz.

Logo após o motor se desligar na frente da minha porta, fiz a linha dona Florinda e o convidei para descer e tomar um café às quatro da manhã. Minha mãe havia viajado e, pelos meus cálculos de humanas, aquela era uma boa desculpa para conversarmos um pouco mais. Ele entrou de cabeça baixa, a Hermione (minha cachorra) latiu e, antes mesmo de conseguirmos falar a primeira frase, já estávamos tentando respirar um pela boca do outro. Ou melhor, tentando nos engolir. Sinceramente, eu não chamaria aquilo de beijo.

Murilo foi o primeiro cara que me mostrou o que é tesão, a vontade absurda de possuir alguém por meio do beijo, do corpo...

Subimos até o quarto, joguei dois colchões de solteiro no chão, armando uma cama de casal provisória, e lá estava um dos lugares mais interessantes que tenho na mente. Eu gemia baixo e gritava por dentro. Sentia o calor do corpo dele junto do meu sem esforço, sem exagero. O corpo de Murilo era totalmente diferente do tipo de corpo com que eu estava acostumado, era lindo, ruivo, forte e tinha uma bunda tão gostosa que me fazia ficar de pau duro só de pensar.

Nunca comi alguém com tanta maestria. Nunca fodi com alguém tão majestoso. Lembro-me de raramente ter encontrado tamanha afinidade.

No dia seguinte, Murilo acordou, eu acordei. Ele foi pra casa dele e, algumas horas depois, já estávamos juntos de novo em algum lugar da cidade. E assim aconteceu por algumas semanas. Era o tipo de relação perfeita, grudenta, mas ao mesmo tempo legal. Até havia uma espécie de competição entre nós de quem mandava mensagem falando que estava com saudade primeiro. Nós estávamos indo bem. Gostávamos das mesmas coisas, ríamos dos mesmos memes, tínhamos sonhos parecidos e um conhecia a boca do outro como ninguém. Chegava a ser insuportável. Lembro que nossos amigos nos convidavam para

jantar ou para alguma festa, mas não dava meia hora e lá estávamos nos pegando tão forte que era quase um sexo ao vivo.

Agora, antes que você me pergunte se eu me envergonho, eu já respondo que tudo o que sinto é saudade.

Aí, como sempre existe alguém para cagar com tudo, o ex, babaquinha riquinho da cidade, descobriu que estávamos nos amassando em colchões conhecidos e resolveu ligar para ele dizendo que o queria de volta. Eu ainda o levei até a porta do apartamento do cara, mesmo sabendo que aquela seria a última vez que nos veríamos. E foi. Infelizmente, eu não tinha a menor chance. Eles namoraram por anos, viajaram juntos, construíram uma história a ponto de eu entrar para a posição do incerto. Apenas um amor de verão.

Murilo simplesmente não quis mais me ver. Assim como todos os outros, foi embora sem me explicar nada – apesar de que não era muito necessário – e começou a me ignorar para se livrar do peso da sinceridade.

Na véspera de Ano-Novo, fui pegar uma camiseta que eu adorava e que havia ficado com ele. Eu fiquei sem ação quando ele ficou na minha frente. Apenas peguei a roupa, senti seu perfume e o ouvi falando, ao fundo: “Cuide-se, Gui”. Confesso que não foi uma virada de ano muito boa, pois eu já estava ansioso por dias melhores.

Murilo foi o cara que me ensinou que tamanho não é documento; que intensidade não depende do tempo. Murilo foi meu melhor amor de duas semanas.

MEU SEGUNDO QUASE AMOR

Estava calor. Pelotas no verão é horrível de tão quente. Massacrante. É quase insuportável viver sem um ar-condicionado. Perto de casa havia um clube onde eu estava indo nadar desde o inverno. Era o local em que eu passava as minhas tardes cobijando sungas alheias, lendo meus livros e tentando ficar o máximo de tempo que eu conseguia embaixo d'água. Para a minha surpresa, a amiga do Murilo, aquela que dava uns amassos no gostosão da festa, também nadava por lá. Ou seja, não demorou muito para nos reconhecermos, acenarmos um para o outro, sentarmos perto e começarmos a divagar sobre as sungas que andavam por ali.

Falávamos sobre tudo. No entanto, a pauta principal era como eu ainda me sentia triste com a partida tão brusca do Murilo. Ela, cheia das boas intenções e não muito criativa, pediu que eu ficasse calmo, porque mais cedo ou mais tarde iria aparecer alguém incrivelmente interessante na minha vida. E ela tinha razão.

Entre conversas, mergulhos e “posso usar seu bronzeador?”, a guria desabafou, dizendo que se sentia frustrada porque toda vez que ela conseguia levar o gostosão para casa ele não dava no couro. Resumindo, o cara enrolava, enrolava e enrolava e não transava com ela de jeito nenhum. Uma atitude um pouco suspeita, até porque eu não a considerava uma mulher feia a ponto de um cara hétero não querer algo mais a fundo.

A conversa foi seguindo cheia de revelações e, então, pude

descobrir que as tentativas haviam sido várias. Mas, afundado na minha dor de cotovelo, pouco me importei com as evidências daqueles desabafos.

O sol se despediu, eu peguei minha bike e voltei pra casa pra tomar um banho e sair à tardinha para tomar um chimarrão com os amigos no quadrado – o point da minha época para fazer o que os gaúchos mais gostam, depois do churrasco, é claro.

Cheguei em casa, tomei um banho, avisei meus amigos que estava pronto e não demorou muito para eu ouvir a buzina e sair para encontrar o Felipe e o Ricardo. Bom, eu não falei deles antes porque eu sinceramente não lembro exatamente como nos conhecemos. O que eu sei é que o Felipe me roubou um selinho no banheiro de uma festa qualquer e me adicionou logo depois. Mas, como não tinha química nenhuma entre nós, acabamos ficando amigos e, mais tarde, conheci o Ricardo, seu namorado.

A noite estava linda quando chegamos no tal quadrado. Desde criança sempre fui apaixonado pelo verão, principalmente pelas noites quentes. A impressão que me dá é de que existe algo mágico gritando vida e felicidade no céu estrelado. As pessoas saem para as ruas e fica aquele cheiro de boas notícias no ar.

Estacionamos o carro, pegamos o chimarrão e em menos de dez minutos um carrão estacionou do outro lado do quadrado; um cara incrivelmente lindo saiu de dentro dele. Adivinha? Sim, era o gostosão da festa que não queria comer a tal garota. Ele se sentou no porta-malas, acompanhado de seu chimarrão e de um amigo cabeludo. Não me contive e comentei com os guris sobre a minha quedinha platônica por ele, justificando o platonismo com o fato de ele ser hétero. Até que, para uma das grandes surpresas da minha vida, Felipe comentou:

— Olha, hétero ele não é. Bi, talvez. Fui o primeiro cara com quem ele ficou e talvez o último. É de uma família tradicional e conservadora da cidade. Então, sabe como é, né?

— Sério? Aquele cara? Tem certeza? — respondi me tremendo todo.

Felipe fez que sim com a cabeça sem me dar muita trela. Entendi que ele não queria esticar o assunto por causa do Ricardo, então o papo morreu ali.

De longe, eu observava o gostosão. Apesar do corpo e do jeito sedutor, era perceptível que ele era mais velho que eu. Não dava para saber quanto, mas a diferença era notória.

Alguns dias se passaram, voltei à rotina de trabalho, natação e academia e deixei o assunto morrer. Até que, de repente, me deu um estalo no meio da cozinha e eu pensei em adicioná-lo no Facebook. Subi as escadas num ímpeto (até hoje tenho esse tipo de comportamento), digitei a senha do computador, entrei no Facebook, procurei por Mauro B. e o adicionei.

Desci, comi, tomei um banho e, quando voltei para dar uma última olhada na internet antes de dormir, percebi que ele havia me aceitado e que eu tinha uma mensagem não lida. Adivinha? Sim, era um “E aí, Gui. Beleza?” dele. Bem pontuadinho, separadinho. Aquela simples pergunta acabou resultando em horas e mais horas de conversa. Para falar a verdade, já nas primeiras palavras que trocamos eu tive a sensação de que nos conhecíamos há anos. Éramos ao mesmo tempo íntimos e desconhecidos. Comecei a perceber que uma reciprocidade estava rolando, quando ele soltou algo assim no meio da conversa: “Ah, uma hora podemos combinar uma viagem para o Uruguai juntos. Vai ser maneiro”.

A conversa continuou por alguns dias. Parecia até combinado, às nove a gente começava a se falar, parava no meio da manhã, voltava com algum papo nada a ver antes do almoço, continuava à tarde e voltava depois das oito da noite. E assim fomos até marcar o primeiro encontro, no dia 8 de fevereiro de 2013, às sete da noite, no posto próximo ao Big.

Estava calor pra caralho! Como eu reparei que ele sempre usava camisa polo, resolvi colocar uma também, mas minha ideia genial só me resultou em duas belas pizzas embaixo do braço, por conta do desodorante vagabundo e da roupa apertada. Não dava mais tempo de voltar pra casa, e a vergonha me consumia. O medo de ele não gostar de mim pessoalmente aumentava a cada passo que eu dava.

Toc, toc. Bati na janela do carro e ele logo abriu a porta.

Na hora eu senti o perfume exalando pelo meu corpo inteiro. Dentes incrivelmente brancos, corpo perfeitamente malhado e,

para a minha surpresa, ele estava de regata, bermuda e chinelos. E eu parecendo muito mais que ia a uma entrevista de emprego do que a um *date*. Era nítida a minha falta de experiência e, pela forma como ambos engrossavam a voz, percebi que não era o único tomado pela insegurança ali.

Fomos à praia do Laranjal – um dos meus lugares favoritos de Pelotas – e voltamos a falar sobre a vida e sobre viagens. Demos uma voltinha e, então, paramos num lugar mais afastado. Quando desci do carro, eu já não me sentia mais deslocado. Ele pediu licença para fumar um cigarro, perguntando se eu me importava, e eu respondi seguramente que não havia problema. Meses mais tarde me arrependi amargamente por ter dito aquilo.

Sentamos na areia, e eu, como de costume, olhei para o céu estrelado e agradei por aquele momento, pela oportunidade de estar me sentindo feliz naquele instante. Ele fumou, eu recolhi meus calçados e voltamos para o carro. Antes que Mauro desse partida, ficamos ali, parados e em silêncio no meio do nada. De repente, numa sequência nada combinada de ímpetos, nós nos beijamos pela primeira vez. Eu não me lembro de ter sentido gosto de cigarro nenhum. Nos beijamos. Nos beijamos. Nos beijamos tantas vezes que essa é uma das lembranças mais fortes que tenho dele. Aquele cara de quase um metro e noventa sentando no meu colo, mostrando pra mim como é bom ficar com alguém que a gente acha que seria impossível.

A noite não acabou por ali. Fomos fazer um lanche, demos mais uma volta e, antes de eu descer do carro, ele me perguntou se eu não estava afim de jantar dali a dois dias em um lugar bacana. Respondi que pensaria sobre o assunto só pra fazer um charme. Mas é óbvio que dois dias depois eu estava jantando em um lugar bacana. E três meses depois ele se tornou o homem da minha vida. Mas como tudo tem um fim, terminamos um ano e meio depois. Um relacionamento que rendeu boa parte das minhas melhores histórias.

**FRAGMENTOS
PARA
SEREM AMADOS
COM
PRESSA**

É sério que você achou que todo esse barulhão que nossos corpos causaram era mera coincidência, que foi um encontro inesperado em um supermercado e só? Fim de papo? Sem mais, nem menos? Sem razões? É sério que você achou que um abraço-casa é como ir ao supermercado, pegar na prateleira, débito, por favor, e voltar pra casa? É sério que eu fui a Alice dessa história, vivendo tudo isso sozinha enquanto você bancava o voyer, masturbando seu ego na minha loucura? É sério que você achou que uma hora eu não ia perceber seu ódio de salto alto para esconder as bolhas que o amor te causou? É sério que você acredita em mim quando te digo para ir embora? É sério que você vai deixar o medo da rejeição esmagar a sua vontade? É sério que você vai continuar puto por perder o controle, mesmo sabendo que o amor, às vezes, também é ausência de sanidade? É sério que você vai esperar o momento certo, mesmo sabendo que ele, na verdade, não passa da criação da oportunidade somada a uma boa dose de vontade? É sério que você acha que ainda vou continuar te escrevendo, para ver se você me escuta de verdade? É sério que você vai terminar de ler este texto e só vai continuar na vontade? Eu falo sério quando digo que amo te odiar de verdade.

Traz o cobertor que está frio. Fiz brigadeiro, mesmo sabendo que tenho uns pneuzinhos pulando pra fora da calça. Mas você não liga pra isso, né?! Um gordinho aquece melhor no inverno. Coloca suas pantufas, na carona da minha bike você só vai conseguir aquecer as mãos no meu bolso. A gente vem por cima da calçada, dando risada e batendo com a bunda na magrela logo depois de descer o meio-fio. E não se preocupe, tenho habilitação para cuidar e um fim de semana inteiro para amar você.

Diga que duvida que eu te provo o contrário. Mostro que homem também sabe amar e esperar todos os dias por você com um sorriso estampado na porta do seu trabalho. Diga! Mas abra a boca com vontade. Vamos falar a mesma língua e reinventar as leis da física. Vamos comprovar que dois corpos podem, sim, ocupar o mesmo lugar ao mesmo tempo. No mesmo sofá, na mesma cama, no seu colchão de solteiro manchado de amor. É só você querer.

Bobagem, esquece! A gente não precisa de muito. Eu sei fazer pão, dar amor e entendo de fidelidade. Posso falar com seu pai, convencer sua mãe de que sou um bom guri e prometo viajar com você até levarmos a paz para o mundo todo... O que você acha? E nem tente falar da distância, faço de Engenharia a Arquitetura só para construir uma ponte entre minha casa e o seu armário abarrotado com as minhas coisas. Coloca mais água no feijão, estou levando a vontade para morar conosco.

Barba malfeita e cara de bandido. Um corpo de primo gostoso com vontade de tarado. Um desconhecido que te leva embora mais cedo da festa. Um louco a quem você não tem medo de se entregar por inteira. Um desesperado procurando transbordar. Um sujeito que estuda seu corpo em braile. Aquele cara foda que transforma a sua segunda em sexta, sua cama em ninho e sua boca em diálogo de estalos...

Falta mais coragem. Falta pegar o telefone e chamar para um café. Falta guardar o orgulho no bolso e ouvir mais as suas vontades. Falta você amar a si mesmo antes de amar o próximo. Falta seus olhos não procurarem outros nas calçadas da vida. Falta sua mãe dizer que seu feijão é melhor do que o dela. Só falta seu sorriso responder ao espelho para, então, tudo ficar bem. E quando realmente as coisas se ajeitarem, você vai saber que não te falta mais nada.

Pode bater na minha porta agora, gritar o meu nome e me chamar de seu. Escandaliza pro mundo, pros vizinhos, acorda o universo. Só não vai embora depois da janta dizendo que trabalha cedo no dia seguinte. Fique! Faço uma cama pra gente na sala, escolhemos alguns filmes na Netflix ou vamos trocando de canal até você gritar: “Deixa aí, não troca!”. E, então, eu deixo. Sequestro a pilha do relógio, devolvo o filhinho do Santo Antônio e caso com você em Xangri-lá. Fujo pela sacada amarrado em um lençol, digo no trabalho que vou parar de sobreviver para voltar a viver, e então a gente vive junto. Vive de amor por aí, rindo dos amedrontados e de todos os desacreditados que nos chamarem de loucos e clichês. Eu não tô nem aí. Tendo minha mochila perto da sua, serei um copo cheio que precisará de outro apenas para amparar o meu transbordamento. Não vá! Fique para a sobremesa. Cedo é só amanhã de manhã.

Ela é desprendida de qualquer preocupação com a opinião do vizinho. Decidida, não desiste fácil e se recupera rápido. É o tipo de guria que larga o emprego sem ter outro em vista, viaja apenas com a passagem de ida, se apaixona em um dia, ama em uma semana e esquece em, no máximo, um mês. Você vai vê-la dizendo que não precisa de ninguém para completar sua felicidade, mas todas as noites pede ao universo para mimar e ser mimada. Poucos sabem disso, talvez só o seu velho travesseiro. Veste-se de simplicidade, ama arroz, feijão e ovo. Suas pretensões são ajudar o próximo, comprar uma casa de madeira no litoral e ser feliz com um amor que dure uma vida inteira.

Dói, sabe? Dói saber que tínhamos tudo para dar certo. Dói saber que nós nos encontramos mesmo estando perdidos neste mundo apressado, mas que acabamos nos perdendo logo na primeira curva. Dói eu pensar que meus ouvidos não irão mais ouvir a minha boca conversando com a sua. Dói perceber que todas as suas mentiras se fantasiavam de verdade. Dói olhar suas fotos e perceber que alguém assumiu o papel principal e hoje tem papel de protagonista nos cenários em que ainda iríamos conhecer juntos. Dói saber que dessa vez eu não tinha feito grandes pedidos nem havia suplicado ao universo para que você ficasse quando gravei seu contato no meu telefone com o nome “Amor”. Me diz por quê? Você é libriano, eu sou de outubro, Vênus nos rege e está tudo certo. Ao menos tudo parecia estar certo. Seu jeito de aceitar tudo o que oferecem fez com que o meu amor-próprio te mandasse embora. Mas isso dói! Arde um sentimento movido pelo inconsciente, alimentado pelas aventuras em busca de umas gargalhadas a mais para colocarmos no bolso esquerdo das nossas mochilas. Só pude aprender que não devo escrever o nome do amor na porta do meu quarto a caneta. Custa a sair, sabia? Dá um trabalho danado para tirar. E quer saber o pior? Por mais que você canse a mão na vã tentativa de apagar toda a tinta, alguma mancha borrada ainda ficará ali. A gente não tinha combinado de ficar um ao lado do outro até um de nós bater as botas? Ah, não vem gritar no meu interfone me pedindo para subir, só me diz o que fazer com a saudade.

Sabe aquele aperto no peito? Aquela oração de todas as noites? O medo de ninguém estar te escutando? As lágrimas que se escondem nos olhos? Os dias que parecem intermináveis? Os problemas que não conferem com a resposta do gabarito? O receio de o mundo achar que você não é capaz? Pois é. Todos os dias, logo quando eu acordo, o universo me diz: “Falta um dia a menos para a sua vitória. Acredite”.

ESCOLHA ALGUÉM QUE SEJA BOM EM ARRUMAR SOLUÇÃO E PÉSSIMO EM ARRANJAR DESCULPAS.

Sorriso frouxo, alma leve e aquele brilho nos olhos contando com gosto sobre uma viagem que fez. Sou apaixonado por pessoas que andam por aí sem maquiagem, de chinelo e bermuda, sem fazer todo aquele esforço para parecer bacana. Escolha aquela pessoa que faz com que você se sinta especial, simplifique suas dores e vibre na mesma intensidade dos seus sonhos. Um louco que você jamais pensou que seria, o torto vindo pelo certo através das suas orações. Queira alguém que te quer bem, porque o resto só será o resto, meu bem.

Esquecimento é quando conseguimos apenas ouvir a música que toca; é quando ela não nos traz lembranças nem resquícios. Nesse caso, já não há mais saudade.

Eu pego a mochila e você, a vontade. Vão dizer que a gente não pode. E eles têm razão, realmente não podemos viver apenas nos fins de semana. Já falei que te quero pra ontem e para o resto da minha vida. Vem que eu ainda tô aqui. Aparece enquanto eu posso te acompanhar. Corre! Meu bolo e o coração ainda estão quentes.

Aí ela joga um rojão na porta da casa dele. Escreve cartas, planeja noites, vence o medo e bebe coragem. Ela diz que curte o guri pra caramba, ele responde dizendo que ela é gostosinha e pede para deixar as coisas rolarem. E elas realmente rolam! De batom vermelho e salto alto, ela aproveita para se enrolar em quem detesta ser enrolado.

Vem terminar de ver o filme comigo, dividir o
resfriado, acampar na sala, botar defeito no
meu bolo.

Vem e não demora.

Aparece logo que a madrugada é longa e a
saudades também.

Ah, guria! Ele não vai mais voltar. Vista sua saia,
pegue sua sapatilha e saia correndo por aí... O
mundo é tão grande e nossa vida é tão curta.

**QUEM NÃO
SENTE MEDO
NÃO MERECE
SABOREAR A
LIBERDADE.**

E a gente faz o que com as expectativas? Posso ligar amanhã, mandar uma mensagem hoje à noite, ou é melhor esperar você sentir saudade? Tô ficando chato para essas coisas, sabe?! Ando cansado de jogar. Acho que podemos facilitar as coisas. Você vem aqui pra casa, a gente finge que assiste àquele filme, que fica repetindo de novo e de novo até eu acordar com a cabeça no seu peito. Ficamos ali por horas fazendo calor nas cobertas, deitados, conectados um ao outro e desconectados do tempo, só para você perder o horário do seu último ônibus.

Eu disse que era só amor de colchão, não disse? Ainda falei pra você parar de se fazer de besta e procurar algo menos raso. Mas não é disso que você gosta, né? Nunca vi coisa igual! Não pode ver um desafio que já vai logo se jogando, planejando e sonhando... Já não bastaram as chineladas que você levou da vida? Ou a sua saúde é constantemente alimentada pela esperança do incerto? Eu sei que você não espera nada acontecer, mas tenta se aquietar, coração. Amor-próprio faz tão bem. Amar o próximo, também.

Tenho ranço de gente feia. Gente que não esquenta. Gente que não lê. Gente que não responde. Gente que finge que não liga. Gente que é fria. Gente sem perspectiva de vida. Gente sem amor ao próximo. Tenho ranço de gente feia que nunca vai ser gente, nem da gente. Tenho ranço de quem tem o potencial para mostrar seu pior ângulo.

Se ele estivesse afim, você faria parte do final de semana dele. Se ele realmente estivesse afim, já teria mencionado que adoraria conhecer seus amigos. Se ele estivesse afim de verdade, no seu WhatsApp haveria mais conversas e menos tentativas suas de puxar assunto. Se as coisas estivessem rolando do jeito que você esperava, a dúvida seria apenas sobre a que filme assistir na tarde de domingo. Se ele ainda estivesse na sua, você não teria se identificado tanto por aqui.

Você não me faz mais a falta que me fazia há algum tempo, mas eu seria hipócrita se dissesse que já não penso mais em nós, no nosso dia oito, nos planos que tivemos que refazer com outras pessoas. Ainda bem que existem o tempo e as oportunidades, não é mesmo? Assim, com a maturidade, aprendemos que lembrar é bem diferente de nunca ter esquecido.

Se for para querer, então, que eu queira alguém com quem dividir o mapa, o espaço na mochila e a pizza no micro-ondas. Se for para esperar alguém, que seja para irmos ao supermercado no domingo, à loucura na terça, ao boteco depois do expediente de uma sexta cansativa. Se for para levantar do sofá e abrir a porta, que entre alguém sem travas, sem jogos, sem bagagens de um passado morto. E, se vier para ficar, que venha para dividir a cozinha, o chuveiro, a culpa, a pipoca, a cerveja e a cama com sorrisos nus. Que me ensine o que eu ainda quero aprender, que caminhe comigo por um mundo que ainda pretendo conhecer.

Tô vivendo muito bem e, na minha vida, não há mais tempo para pretéritos imperfeitos. Não, amigo, eu já não procuro mais ninguém. Procurar cansa, e eu já sentei. A partir de agora, o que eu quero é topar com uma loucura bacana por aí. Um daqueles braços fortes que são capazes de revezar mochilas em mochilões, aquelas pessoas que nos causam dor nas bochechas de tanto gargalharmos de madrugada. Não busco mais nada por aqui. Aliás, tô afim de encontrar quem já me procura há tempos.

A chuva lá fora me fez lembrar de nós dois. Eu me lembrei do seu guarda-chuva de pinguim me esperando no ponto de ônibus, do seu moletom enorme que agasalhava nós dois, das sextas-feiras em que pedíamos pizzas e colecionávamos as caixas, porque nunca fomos certos. Nossa única certeza era a de que seríamos os pais mais fudas do bairro. E nossa única missão era a de ensinar aos nossos guris a magia que J. K. Rowling nos ensinou através do sorriso do Harry. E hoje, depois de um dia termos gritado ensandecidos pela janela do carro que havíamos encontrado o amor, estamos soltos por aí, acostumados com a distância e nos preocupando em fazer dar certo com outros o que não deu certo entre a gente.

Qualquer dia desses bate lá em casa, limpa os pés no tapete, de cabeça baixa, enquanto eu abro a porta de pijama e com uma xícara de café quente nas mãos. Naquelas noites de temporal, naquelas madrugadas que você chega todo molhado, na dúvida se eu vou te puxar pra dentro ou te mandar embora. E aí, eu fico ali te olhando, com a mão na fechadura, pensando se preparo mais uma vez o chimarrão, faço um bolo ou a minha vida.

NÃO SEI SE EU JÁ TE DISSE ISSO, MAS SEU SORRISO DECORARIA MUITO BEM O MEU APARTAMENTO.

Adoro sua fissura por cerejas, sua paz de espírito e sua panqueca com geleia e misto-quente. Adoro sua barriga já-jantei, seu cheiro que me acalma e sua boca que me lembra morangos. Adoro quando me perguntam se somos um casal e quando você acorda no meio da noite preocupado se o frio me pegou ou se o meu pé fugiu do abraço do seu sem querer. Adoro ainda mais nossas roupas perdidas pelo quarto, os cafés virados e todos aqueles filmes que poderíamos ter visto se não nos amássemos tanto.

Não sei se a sua mãe te explicou, mas ninguém morre de saudade. Pelo menos, não assim, do nada, sem antes gritar na janela da pessoa, ligar na operadora dela perguntando se está tudo bem ou atravessar a cidade inteira de bicicleta só para confirmar se não é o WhatsApp que está de palhaçada não querendo enviar as respostas que você tanto espera. Fui claro? Quem morre é o interesse, meu amigo, o interesse.

Uma hora dessas, passa lá no meu trabalho, no fim do dia, para fazermos alguma coisa. Aquelas coisas que pessoas que não se conhecem muito bem fazem, sabe? Como dividir a timidez na rua, vibrar o corpo quando as pernas se encostam por descuido, se pegar nas escadas de emergência de um shopping, espiar o outro com o canto do olho sem que sejamos pegos e contar das viagens que fizeram apenas para parecerem legais e descoladas. Saio às dez da noite. Vê se aparece.

Arranca minha roupa aqui, agora, na rua, no chão, no quarto. Arranca de mim a agonia, a preguiça, a desesperança de não encontrar o inteiro, o certo, o que espero. Tira de mim o medo de ter que me contentar com o que não me contenta, não me toca, não suspira, não geme, não lê, não grita, não liga. Arranca com vontade o que não é meu, o que não pode ser meu, o que jamais será. Vai! Deixa-me nua, livre, desamarrada, de pé no chão e cabelo solto para o vento, para a vida, para os sorrisos, para um amor que me ame também. Tira. Fica. Vem. Aparece. Sugere. Volta que eu te faço café, e

ainda pinto nosso beijo no meu espelho.

Ah, garoto, eu espero que você realmente tenha a simplicidade que o seu nome abreviado tem. Quero mesmo que todos aqueles nossos amores morram com o tempo. Venham a óbito por tédio, partindo caquéticos e desnutridos pela falta de lembrança. Que eles se despeçam de nós sem pena, e que consigamos nos despedir deles sem culpa. Que a gente desfile nossa sorte de mãos dadas depois do trabalho ou entrelace nossos beijos para dividir o fardo, o grito e o riso. Que possamos, garoto, agradecer baixinho por nada ter dado certo antes.

Ela é a bailarina da própria vida, não de um conto de fadas que só existe para quem coleciona decepções. Mulher com traços de guria, ama quem quer e dá pra quem gosta. Divide a sexta-feira chuvosa e o brigadeiro de panela com quem sabe dançar sua música. Caso tenha dificuldade, ela explica. Do contrário, ela não é pra você.

E, no final, garota, o que sobra é você, sua cara lavada e sua alma sem dívidas e sem empréstimos com a satisfação alheia. O que sobrar, sobrou. O que foi, o vento cuida. Mas o que não pode sobrar é sua alma pela metade.

Garoto, se você disser que pizza com cerveja engorda, eu até acredito. Agora, se disser que está com saudade sabendo exatamente onde matá-la, pode ir parando por aí.

Qualquer dia desses eu chuto a porta do seu trabalho, amarro um lençol na janela do prédio e mando o seu chefe barrigudo calar a boca. E, então, a gente foge naquele Fusca azul que ganhei do meu avô e nos escondemos da rotina por um tempo no interior do Nordeste. Ficamos lá até nos acharem, até nos acharmos, até provarmos ao mundo que amor recíproco também é sinônimo de paz mundial e até seu pai entender que meu casamento é com você, que seu sorriso é compromisso e que minha maior loucura seria não te querer.

Eu prefiro ouvir aquele categórico “não”, aquela negação alta, forte e bem exclamada que não deixa dúvidas, a ser egoísta, para jamais dividir o sofá com a esperança. Aquele “não” rude, que destrói teu ego como uma espada que te corta ao meio e, ao mesmo tempo, te deixa cicatrizada para novas tentativas. Sem martírio, sem banho-maria, sem drama, sem formalidade. Adoro a coragem de quem sustenta o peso da sinceridade.

Fale com ela.

Conversem.

Mande uma mensagem.

Jogue pedra na janela do quarto.

Bata palmas no portão.

Buzine ininterruptamente.

Mas fale.

Anuncie o orgulho na OLX e ajeite o que estiver errado.

Costure o que estiver rasgado.

Segure pelo dedo mindinho antes de perder a mão inteira,
mas segure.

Só não demora. Tenho o péssimo hábito de não ter paciência e não me prender quando não me seguram.

Sua vida é uma roda-gigante, assim como o seu humor. Entenda isso. Vocês irão brigar e também perderão a paciência um com o outro. É inevitável. O segredo, no entanto, é buscar entender a briga. É saber a hora de parar sem ferir ninguém nem deixar orgulhos expostos.

Não sei se já te contaram, mas o mundo tem mais de sete bilhões de pessoas atualmente, sabia? Aí, você faz uma conta básica subtraindo os otários que você já pegou, o trouxa do seu ex, o babaca do seu vizinho, e ainda sobra muita gente, viu? Desacredita, não. Existe muita gente com frio esperando um moletom emprestado por aí.

**COMECEI A ENTENDER QUE NEM TODOS MERECEM
O NOSSO MELHOR, BASTA APENAS SABERMOS
APROVEITAR O MOMENTO ATÉ A LINHA VISÍVEL –
MAS NUNCA IMAGINÁRIA – QUE NOS OFERECEM.
POR QUE NÃO?**

Existem dores que vêm com alívio.
Existem pessoas que se vão para que outras
possam sorrir.
Existem saudades que mentem.
Existem amores inexistentes.
Existe gente que nunca vai ser gente, muito
menos da gente.
Existe agradecimento futuro por não termos o
que não deveria ser nosso.

Você precisa saber trocar pessoas de lugar e
conjugas o amor no tempo certo. Sabe quando
sua mãe trocava os móveis e, de repente, a casa
parecia outra? Pois é. Assim como o mundo dá
suas voltas, sua vida também o acompanha. Mas
ainda assim, é preciso colocar a roda pra girar.

Não é falta de tempo, meu bem, é desculpa. O interesse dele não consegue ser cínico. Mas, agora, a saudade... bem, essa adora uma maquiagem e um salto para parecer maior.

O amor também é nutrido de situações atípicas, de carinhos fora de hora, de encontros sem hora marcada, de arquitetos que constroem a continuidade do encantamento.

Tem gente que morre de medo de se envolver afetivamente com alguém, seja por causa de danos passados, seja pelo simples medo da invulnerabilidade que o sentimento causa.

Mas eu entendo,
o amor mesmo
é só para corajosos.

Ninguém é foda o suficiente para definir o que realmente é o amor. É prepotência demais concluir que paixão à primeira vista é tolice. É falta de fé encher a boca para dizer que ninguém ama ninguém em um mês. Para vocês que adoram ditar regras, aqui vai um conselho: vão à merda. E nem precisam me agradecer por isso.

Frio, meu querido, pode vir com tudo. Não temos um amor, mas temos cobertor, Nutella e Netflix. Não se assusta e se aproxime aqui, vivente. Aproveite e traga também um pouco de mate, já que, pelo jeito, esse inverno vai ser de renguear cusco.

Ela é uma daquelas garotas com óculos fundo de garrafa e moletom maior que o corpo. Garota tímida, estranha e cheia de planos mirabolantes na cabeça. Garota que tem seus amigos muito bem selecionados, seus segredos não tão bem guardados e histórias que ninguém acredita que ela viveu se a julgarem pela carcaça.

O problema não é o amor, são as dores, as decepções que a gente vai vivendo ao longo do caminho. E o pior é que não tem outra opção a não ser ajeitá-las em algum canto sem deixar que desorganizem ainda mais o que supostamente deveria estar organizado. O amor nunca foi o problema. E nem nunca será. O que mata a gente por dentro

é esse vai e vem,
que mais vai do que vem.

Minha vontade mesmo agora era ir até a porta do seu apartamento e grudar a mão na sua nuca enquanto você decide se respira ou se mata a saudade na saliva. Só para mais tarde ouvir você contar sobre o dia estressante no trabalho, sua ansiedade de ser promovida, seus sonhos que um dia também poderão ser meus. Enquanto eu te vejo andar pela casa tão determinada e gostosa, vestindo uma camiseta velha com cheiro de roupa limpa, fico imaginando que lindo será o dia em que me perguntarem de nós e eu puder dizer que você é minha.

Ela merece um cara que a faça ficar em silêncio por algumas horas, enquanto o som dos estalos ajudam os gemidos a embaçar os vidros do carro. Um sujeito inovador para menosprezar sua descrença, um companheiro para fugirem da rotina abraçados. Ele merece um cara com sentimentos de guri, mas que também seja parceiro com princípios de homem.

Talvez a vida seja como o ato de abotoar uma camisa: você tem que começar por baixo, passar botão por botão, um de cada vez, para tudo fazer sentido quando chegar lá em cima.

Você merece alguém que te espie enquanto você conversa com seus amigos...

É desculpa! Quem realmente está afim manda mensagem do banheiro, pede crédito especial, cria uma conta no Skype, parcela a passagem no cartão de crédito do amigo, disca 9090 antes do número, atravessa a cidade de bicicleta, conta as moedas pro ônibus, os trocados pra cerveja, racha a gasolina, entrega-se de verdade. Não seja boba! Eu sei que não te ensinaram isso na escola, mas a reciprocidade não tem como ser inventada.

Quando é que a gente vai fugir por aí, largar a carreira, pegar a mochila e assumir a loucura para a família? Quando é que vamos largar as responsabilidades de gente grande, a obrigação da rotina e dar adeus sem a dor do tchau?

Espero que você encontre alguém que te encontre antes de você voltar para casa.

Não tem problema chorar, sentir dor e viver a tristeza. O errado é negligenciar isso, pensando que a felicidade é uma obrigação constante. Quem ama, ama com cara de cu ou de sorriso largo, porque sabe que tudo são fases. Errado mesmo é perdurar a dor. Infelicidade é não nos colocarmos na posição de seres humanos.

Gosto de gente retardada, que não tem medo do ridículo, mesmo que ainda tenha senso. Gosto de quem pouco se importa, quem não pisa miúdo, quem mete a mão num pacote de Doritos sem cerimônia. Gosto de quem me deixa à vontade, me melhora por dentro e de quem chega junto. Sempre admirei os mais loucos e sempre tive preguiça dos mais comportados.

Fazer uma janta é bem diferente de sair para jantar. Quando a janta é feita, tem muita gargalhada e chimarrão antes da comida. Tem quem se ofereça pra cortar a carne, quem não goste de ajuda e até mesmo quem seja essencial apenas para ficar sentado no banquinho fazendo companhia. Para o gaúcho não importa a janta, mas sim o momento.

Se não pode,
se demora,
se não tem tempo,
se não responde,
se não liga, se não vem,
se não aparece,
se não se importa,
se não se esforça,
se não ama,
se não me ama,
se não acompanha,
não me serve. Sou muito
legal para viver de “se”.

**PROCURA-SE
ALGUÉM
QUE GOSTE
DE FICAR.**

**A DECEPÇÃO
É UMA FACA
NO PEITO
DAS NOSSAS
EXPECTATIVAS.**

Adulto não gosta de joguinhos. Adulto gosta de gente engraçada, parceira e boa de cama.

Pode mandar textão, áudio com mais de um minuto, ligar depois das onze, gritar meu nome na janela, gargalhar de madrugada, buzinar avisando que chegou... Pode chegar com tudo, fazendo barulho!

Porque, pra mim, gente fria é gente morta. Adoro sexo! Mas gosto de vestir calça moletom e andar de meia. Gosto de chegar em casa e tomar café. Gosto de falar sobre séries, de ver o bolo saindo do forno, que me esperem depois do trabalho, que me perguntem se estou com fome. Adoro sexo, mas minha tara, na real, é por uma cumplicidade.

Na verdade, eu prefiro morrer sozinho a me sujeitar a um amor bosta, a um pé que não aquece, a um abraço que não encaixa, a uma boca que não fala minha língua. Deus me livre! Se não for para derrubar o forninho, que nem acenda a chama.

Aí, no meio de uma gargalhada, no meio de uma cerveja, no meio de uma piada, você simplesmente não existe mais. Essa é a bendita hora em que me dou conta de que você se tornou apenas uma lembrança. Passou. Até mais.

**ENTRE, FIQUE À VONTADE E REPARE NA BAGUNÇA.
SE SOUBER RESPEITAR MEUS DEFEITOS, NÃO
SERÁ DIFÍCIL AMAR MINHAS QUALIDADES.**

A esperança mesmo não morre. Mas nós estamos cansados. Não é fácil ficar reacreditando o tempo todo.

Não sei ponderar, dosar palavras ou ocultar emoções... Não é questão de ter pressa, mas de gostar de quem agiliza as coisas.

Pra mim, o relacionamento ideal é aquele em que o cara é seu melhor amigo, que vocês se entendem só pelo olhar e se sentem mais à vontade quando estão juntos. Alguém com quem você pode gargalhar de madrugada e contar para segurar sua onda em dias pesados. Alguém de quem você se lembra no meio do dia. Alguém que faz você sentir vontade de voltar cedo para casa.

**NÃO CORRO NEM ATRÁS DO ÔNIBUS, MOÇO,
QUEM DIRÁ CORRER ATRÁS DE ATENÇÃO. TENHO
MANIA DE SÓ PROCURAR QUEM ME ACHA.**

Nada de gastar energia com pouca coisa, com mesquinha e com conversas fragmentadas. Aqui é pra quem gosta do escândalo da intensidade. Ou chega chegando ou a gente bota pra correr.

**RECIPROCIDADE
NÃO EXISTE NA
INTENÇÃO DE
UM SÓ.**

O que eu curto? Bom, eu curto pizza com Coca-Cola, café e beijo bom. Noites quentes para sentar na varanda, pés quentinhos para aquecer os meus. Curto viagens e abraços, acordar depois das nove e dançar enquanto o lorc canta. Eu curto quem me curte de volta. Meu amor adora uma real.

Eu queria te mandar à merda, escrever textão e parar de sentir tua falta. Eu queria parar de mentir para a esperança, dizendo que daqui a pouco a gente se acerta, que não é preciso entregar os planos na porta, tampouco refazer todos eles com outros. Eu queria, mesmo não querendo.

Detesto gente acomodada, sem atitude, que gruda, que não sustenta a opinião por muito tempo. Detesto gente fria, que não ri, que finge que não sente, que paga de gostosa, que esconde a gargalhada no pudor. Detesto gente mesquinha, que não se entrega, que demora, que calcula o risco, o sentimento, e que me perde antes mesmo de me ter.

Tem que me dar frio na barriga. Tem que rir da mesma piada. Tem que se permitir gritar de susto no meio do filme. Tem que falar com os animais como se eles fossem crianças. Tem que gostar de coisas simples, tipo bolo, café, abraço que

encaixa e beijo bom. Tem que gostar de fazer
com que as coisas deem certo. Tem que gostar de
fazer o amor durar.

Não interessa se vão te chamar de louca, de carente ou de fraca. Se sente, fale. Se está magoada, diga. Se ama, escancare. É pra abrir a boca e cansar os dedos! O mundo já está cheio de gente que diz não sentir nada por aí.

Vamos gastar vocabulário, marcar um café, nos encontrar numa esquina, planejar um feriado, apresentar nossos amigos, dormir no ombro do outro na volta pra casa, fazer o melhor sexo, criticar o pior filme, mostrar o que antes não existia e melhorar o outro por dentro, a ponto de a gente gostar tanto e não querer mais ir embora.

Eu até poderia te convencer, sentar com você e mostrar que o amor de verdade dá trabalho, que fazer dar certo é atitude para menino grande... Eu poderia, juro que poderia, mas de nada adianta te mostrar todos os porquês, uma vez que a reciprocidade não existe na intenção de um só.

Você achou o quê? Que eu ficaria alimentando seu ego com o meu interesse? Que as minhas melhores histórias não tinham um preço? Se toca, garoto. Você é bonitinho e seu discurso é ótimo, mas a coisa tem que funcionar. Pá e bola. Vem e vai. Olhe bem pra mim e veja se tenho cara de mãe para ficar correndo atrás de menino grande...

Ela quer alguém massa. Alguém com quem beber uma cerveja e espalhar gemidos no colchão. Alguém que escute suas dores com interesse. Alguém que defenda as séries a que assiste com entusiasmo. Alguém de chinelo, bermuda e com barba por fazer. Alguém simples, sincero e parceiro. Alguém com quem dê vontade de continuar.

Eu peguei você me espiando um dia desses, mas fingi que não vi. Peguei você me lendo com os olhos e tentando esconder a verdade da boca. Achei bonitinho. Posa de casca grossa, mas não vê a hora de morar dentro de um abraço.

Vá lá e assine seu atestado de trouxe. Mande aquela mensagem boba, aquela em que você deu um “oi” no lugar de dizer que está louca de saudades. Vá. Esgote as esperanças, a criatividade das tentativas e vá dormir tranquila... Ele não te quer, garota, mas isso não quer dizer que outro não possa te querer tão bem, do mesmo jeito que você quer o embuste que não liga pra você.

Eu nunca sei quando devo ir com calma ou pegar a pessoa pela mão e fazê-la sentar na grama enquanto abro o potinho com uns pedaços do bolo que fiz à tarde. Eu gostaria de não ter que pensar, sabe?! Só deixar fluir. Tipo entrar de cabeça e só perceber que fiz isso quando já estou

mergulhando.

Eu não sei se te contei, mas morro de medo de a gente apodrecer antes de a vida acabar. Minha pressa sofre de antecipação e a minha liberdade vive de urgências. Vambora?

**ME DESCULPE,
MAS SUA
SAUDADE É
FALSA. ELA
SABE ONDE
EU MORO.**

Pode inventar mentiras ao meu respeito, convencer seus amigos de que meu sorriso é falso e de que a minha sanidade não presta. Pode continuar. Tô adorando ver seu ódio maquiado, sua vontade de sair por cima, de se manter no salto, afundando secretamente o travesseiro com o peso da consciência. Admiro sua persistência, mas já faz tempo que deixei de ser comparsa das suas maldades. Mesmo machucada e cuidando das dores, a gostosa aqui agora é livre. E você já vai tarde.

Foder não é transar. Também não está nem perto de fazer amor. Transar não diferencia gozada de orgasmo. Acha que é a mesma coisa, que faz parte do protocolo. Foder é quando os dois se acham gostosos e os corpos suam juntos, gemem juntos e querem matar a vontade do outro na saliva. Não tem nojo! Tem tesão, tem muito mais pele na pele e menos olho no olho. Não é romântico, é putaria escancarada, é tapa na cara, mão cheia na bunda, é enfiar a boca com vontade. A moralidade não existe numa foda, porque o desespero do desejo é forte. Foder não é transar, mas de tanto foder, uma hora acabam fazendo amor.

Tem hora que dói. Uma dor desgraçada que aperta o peito. Nessa hora nada faz sentido, não dá vontade de fazer nada. Só vá embora, suma. Esperança. Ela é o Rivotril dessas horas. Esperança.

Não, eu não quero um amor tranquilo, alguém para ficar de boa. Eu quero um amor para gargalhar bem alto de madrugada. Quero alguém que compre minhas brigas, alguém me ajude a proteger os mais fracos. Quero alguém que me pegue com força, mas que também saiba a hora de me fazer carinho. Alguém que me ensine a ter mais paciência com a minha mãe, a guardar mais dinheiro no banco, a elogiar o trabalho legal das pessoas só para fazer com que elas sigam felizes para casa. Quero um amor que termine o filme em prantos comigo ou que me proteja de um possível jump scare. Quero alguém que me dê vontade de foder na escada do prédio e um imenso orgulho de apresentar no domingo em família. Eu não quero um amor tranquilo, quero alguém que seja capaz de virar minha vida de ponta-cabeça.

O amor morre nas traições que não foram explícitas no contrato. No projeto que o outro esqueceu de contar que está prestes a realizar, na cerveja depois da aula, onde encontrou a Maria, e a Maria contou que viu o João, mas o João não contou que viu a Maria, no olhar distante em uma conversa importante, nas risadas que vão ficando cansadas, na companhia que começa a gerar esforço. O amor morre nas traições que não foram explícitas no contrato. Vai morrendo até tornar desconhecidos os que se conhecem.

Tenho uma amiga que eu amo demais. Amo tanto a ponto de vender bugigangas dentro de casa, se um dia ela precisasse muito de ajuda. Só que com o tempo eu fui percebendo que a promessa de “vamos ser amigos para sempre” é eternizada apenas na lembrança e na saudade. A gente muda, troca de roupa, chora com uma banda, nem escuta mais a que amávamos, começa a curtir azeitona na pizza, acha gostoso fazer sexo de luz acesa. E acontece que, com essas mudanças, nem sempre conseguimos manter antigas sintonias. Como eu estava falando, tenho uma amiga que eu amo, porém a gente não conversa mais. Mas tá tudo bem, porque nossa amizade ainda tá conservada. Acho que a vida é assim mesmo. Nem tudo precisa estar aqui para continuar existindo.

**EU SINTO SAUDADE, MAS NÃO SINTO FALTA.
PARECE QUE É A MESMA COISA, MAS NÃO É. UMA
FAZ LEMBRAR O QUE FOI BOM, A OUTRA FAZ
QUERER DE VOLTA.**

Eu não sou da galera desapegada, que esconde o que sente, que prefere dar gelo a continuar. Eu gosto de Netflix no domingo, de uma putaria com intimidade, de quem sequestra minha mão no cinema, de alguém para sentar comigo na calçada de madrugada pra comer um dogão, de alguém que me atenda pra ouvir que meu dia foi uma merda. Eu não nasci para ser contatinho, nasci para me conectar com alguém...

**Felicidade não se mostra, proteja-se da inveja.
Meu amor, a gente passa por tanta bosta que
quando a gente fica feliz, eu quero mais é de
escancorar mesmo.**

**Você tem que aceitar que uma hora você vai
falhar. Que vai dar merda, que o boleto vai
atrasar, que alguém vai te ignorar, que uma hora
a pessoa de quem você mais gosta vai te
decepcionar, que existem amizades que são pra
sempre e outras que passam por nós para nos
ensinar algo. Vai chegar uma hora em que você
não vai entender mais nada, e vai perguntar:
“Mas por que eu?”. Aí, mesmo sem escutar nada,
o universo responde: “Quero ver você encontrar
uma saída nessa bagunça”. E então, mesmo sem
ter o seu porquê, você cresce, amadurece e
fortalece a maturidade com novos
discernimentos. Às vezes a felicidade precisa dar
uma volta para ver se você aprende alguma coisa
na ausência dela.**

Não cale sua boca no momento em que deve gritar. Chute o pau da barraca! Pinte de vermelho, pule do avião, sambe no morro, vá ao mercado de pantufa, pisque o olho para o vizinho, agradeça a gentileza do outro, sorria por nada, agradeça por tudo, chore de saudade, aposte em quem você acredita que vale a pena apostar. Só não deixe de viver. Vá enquanto ainda tem tempo.

Seu passado é presente porque o seu hoje não é tão interessante a ponto de o ontem ser esquecido. Sei que você ainda se apegava às aquelas histórias que guarda com orgulho na agenda velha com a letra borrada. Também sei que ainda espera o melhor chegar para superar o que um dia foi bom pra você. E por mais que não acredite, sei que já não é mais saudade, são apenas lembranças que insistem em permanecer em dias nublados.

Passei quase o dia inteiro sem receber um “muito obrigado”. É o meu trabalho, eu sei. Sou pago para trabalhar e não para ser bem tratado. Mas e a gentileza? Aquele sorriso-amarelo-carente? Aquela pitada de educação que ameniza o cansaço do dia? Foi quase na hora de eu ir embora que atendi uma mulher linda e muda. O “muito obrigada” dela foi com um gesto carinhoso e a repetição da palavra sem o som. E o sorriso-amarelo-carente que eu tanto queria, ganhei com os olhos.

**QUE A FORÇA
DA MENTE
SEJA MAIS
FORTE QUE
A COR DA
ROUPA.**

Convidar alguém para sair não vai deixar você mais fraco, assim como levar um “não” não tornará você um lixo.

Visualizar e não responder alguém por jogo não faz você mais gostoso, tampouco benquisto.

Transar no primeiro encontro não faz você mais fácil, só comprova o quanto a afinidade vale a pena.

Quando algo der errado, não se sinta derrotado, até porque nem toda derrota é sinônimo de fracasso.

Usar saia curta e batom vermelho não faz de você uma puta, e, ainda que fizesse, pobre daqueles que não sabem que a verdadeira putaria é a delícia de sermos aquilo que quisermos.

Se importar mais com o que você quer e menos com que os outros desejam não só te deixa mais leve como também te faz mais forte.

Meu tio não vai ser mais o Papai Noel, minha mãe não irá pentear o meu cabelo para o lado, minha avó não montará a árvore para sempre e o meu irmão talvez tenha outros compromissos. A maturidade nos ensina que bicicletas, videogames novos e celulares de última geração, o papel colorido compra. O que podemos viver, vivemos. Mas nada traz de volta os momentos que deixamos de lado.

Tá, mas que dia que você vem mesmo?

Talvez o amor seja a gente vestindo uma camiseta emprestada que sobra no corpo, comendo uma pizza do dia anterior e se sentindo tão leve por dentro que pouco importa o que se passou, tampouco o que vem a seguir.

Ele era legal, bonito, tinha dentes brancos e cantava as músicas do Sam Smith sem errar a letra. Ele era bacana, usava perfume importado e postava fotos bonitas no Instagram em lugares caros. Ele era legal, falava da carreira, do futuro, do passado, mas quase nunca do presente. Ele era tão legal pra si que acabou não conseguindo ser legal pra gente.

Descobre uns bares legais para a gente ir, separa sua mochila enquanto eu faço as contas para ver se rola de nos amassarmos em uma cidade diferente. Avisa seus amigos que precisamos deles nas próximas risadas e eu aviso para os meus o local certinho. Me chama para darmos um rolê por aí.

Como é gostoso encontrar as velhas amizades com o mesmo brilho nos olhos, com as mesmas gargalhadas, com aquele abraço que mata a sede da saudade. Amigos, os filhos da puta honestos que a gente ama e não vive sem.

Me chama pra comer algo gostoso na rua, pra assistir a um filme que a gente chore no final, me chama pra andar descalço na praia, pra dizer: “Olha lá, você viu?! Era uma estrela cadente”, para brigarmos pra pagar a conta inteira no supermercado, para andarmos amados em tempos de curtição.

Na verdade, a gente quer alguém que seja parceiro para ficar de boa numa sexta ou que prometa cuidar de nós, nos deixando livres para darmos um PT numa festa qualquer. Alguém que ligue e diga: “Cadê você? Já tô aqui na frente”, que empreste o ombro na fila do médico, que seja querido com a moça do caixa, que saiba a quantidade exata de açúcar que colocamos no café. Alguém que ame nos amar.

É tão gostoso tomar um banho e se jogar no sofá, estocar comida nos lados e ir cambaleando depois para o quarto. Geladeira à disposição, banheiro sem filas. Tudo tranquilo! Sem empurra-empurra, sem gente suada encostando, sem todo aquele esforço para falar mais alto que a música. Não é sacrifício nenhum, adoro festejar o fim de semana em casa.

Faz um tempo que li uma crônica da Martha Medeiros em que a gaúcha contava das dores que machucam muito, mas que são imperceptíveis. E são essas mesmas dores que são menosprezadas e quase sempre negligenciadas pelo outro.

Às vezes até rola empatia projetada, aquela que você pressupõe que o outro possa estar sentindo baseado no que você sentiria. Um ato gentil, mas errôneo. As dores da alma, como dizem os poetas, para muitos são apenas queixas carregadas de insatisfação que podem ser resolvidas com um porre. Mas quem a sente de verdade sabe da existência da dor que o corpo não revela. E como Martha diz: “Nem sempre o tempo cura tudo, às vezes ele tira apenas o incurável do centro das atenções”. Só quem sente, entende.

A gente precisa aprender a pedir desculpas de verdade. Chamar a pessoa e dizer: “Olha, eu realmente me sinto mal por ter feito aquilo”, dar a oportunidade de se mostrar fraco e humano. Aprender, mesmo que sem saber direito, a consertar as coisas. Orgulho é o principal investimento para a própria destruição. A gente precisa, antes de justificar o erro, aprender a se arrepender de verdade.

Se tem uma coisa de que eu sinto falta é chamar alguém para tomar um chimarrão, falar da vida, sentar na grama e depois perguntar se a bunda ficou suja. Chimarrão! Não vale suco nem café. Tem que ser chimarrão. Aquele negócio que a gente encarrega alguém para servir e xinga quando o outro começa a remexer muito a erva. Que saudade.

Eu acho supermaneiro quem não gosta de se apegar. Entendo mesmo, uma vez que o amor é para quem tem peito, para quem está disposto a querer lidar com os defeitos do outro e se colocar à disposição além de uma bela uma gozada. Agora, os que vendem a preferência da casualidade apenas para não perder o selo de “cool desapegado da galera”, esses me dão um pouco de preguiça... Aos medrosos, aqui vai um recado: dá para ser livre e feliz mesmo estando apegado.

Uma vez eu chorei muito. O nome dela era Fernanda e estávamos no sétimo ano. Chorei muito e dei vinte e cinco centavos para ela, porque, na minha cabeça de menino novo, aquela era a maior riqueza diante da minha pobreza, que eu poderia oferecer para agradecer pela ajuda de um ano em matemática. Sempre fui mais amigo das letras. Fernanda, minha amiga dos cabelos cacheados, representou a primeira despedida marcante, a primeira despedida com que eu tive que aprender a lidar. Hoje, aos vinte e quatro anos, eu ainda não sei reagir tão bem às despedidas, mas assim como sei da necessidade de deixar um amor ir para outro vir, também entendo que as amizades possuem prazo de validade. O tchau é doído, mas o aprendizado que ele nos traz é enorme. Tchau, tchau, Fernanda de agora. Precisamos renovar as experiências.

Eu sou do tempo em que o pedido de desculpas servia para a pessoa mostrar que realmente estava arrependida por ter feito merda, não para justificar o erro, colocando a culpa na situação. Sou do tempo em que a gente pegava a bike e atravessava a cidade para resolver um mal-entendido cara a cara: “Abre aí, que preciso falar com você”. Foda-se se a pessoa estava ou não puta. Sou do tempo em que a gente se esforçava para consertar as coisas, em que a sinceridade da vontade de recuperar o cheiro do outro prevalecia. Sou do tempo em que os jogos eram menores. Amar sempre foi saber colocar o ego no bolso.

Não se trata de esquecer você, mas do fato de você deixar de ser importante.

Trata-se de eu conseguir substituir o espaço que você deixou por novos livros acompanhados de bons cafés, algumas sessões de cinema sozinho e até algumas risadas desconhecidas, das quais, quem sabe, a gente acaba pegando gosto e elas vão ficando até se tornarem íntimas... Não é sobre esquecer, mas sobre o que eu não pretendo mais lembrar.

Eu amo a sua barriga, amo sua implicância com ela, amo o ciúme que você sente desde que percebeu que foi amor barriga à vista. Eu amo a sua barriga, seu protesto silencioso a favor da Coca-Cola e da pizza que sempre acompanha a brotinho, do quanto ela silencia os meus dias ruins. Eu adoro ela sobre mim, em mim, em você. Você pode até detestar, mas eu amo a sua barriga.

Com você eu me sinto como se eu fosse aquela mulher do filme que dirige um ônibus sem freio, desgovernado e cheio de gente. Fazendo um esforço enorme para seguir em frente, mas sabendo que pode perder tudo a qualquer minuto. Assim como ela, eu sei que uma hora o ônibus vai bater, só preciso arrumar um jeito de a batida não me machucar tanto.

Você até pode dançar com uma placa na frente dele com os seus melhores porquês, que, mesmo assim, será incerto. Talvez o amor seja um jogo de conexão e troca, a gente nem sempre encontra quem quer, mas sim quem precisa.

Sinto falta de relações mais sólidas, de mais olho no olho, de mais cumprimentos interessados. Sinto falta de sexo bom já que a conversa foi ótima, de disposição para diminuir as desculpas e aumentar os jeitos, de gente que senta no meio-fio e não tá nem aí pro que o tio de gravata que está passando logo ali vai pensar. Sinto falta de pessoas reais, sinto falta de amores off-line.

Amigo, relacionamento é pra sair do cinema bancando o crítico, calçar havaianas maiores que o pé, fazer chantagem quando der sede, esperar o outro na esquina do trabalho. Se fosse para correr atrás de atenção, a gente adotava um gato.

Basta você chegar e dizer: “Oi, estou afim de você. Vamos sair, rachar a conta e ver se o beijo encaixa?”. Se não rolar, não rolou. Acontece. Ter atitude é sempre melhor que plantar esperança onde não há interesse.

Gosto daquela barriguinha de já-jantei. Aquelas que não têm curva no final, que dá pra pegar gostoso e morder de leve. Aquelas que até ensaiam performances para se esconder na luz, mas que aos poucos são convencidas de que tudo bem estar ali. Tem quem goste. E tem gente, como eu, que ama.

Vem terminar o fim de semana comigo, dividir as sacolas saindo do supermercado, fazer uma janta enquanto a gente fala dos sonhos e procrastina mais um pouco. Vem dormir de conchinha no ar-condicionado, compartilhar o travesseiro e terminar aquela série que a gente ama. Vem acordar leve comigo na segunda-feira de manhã.

Desculpa o jeito, mas é que eu tenho andado com preguiça das mesmas conversas, das mesmas perguntas, da indiferença que parece uma epidemia, de quem prefere ir pro colchão antes mesmo de ouvir as minhas histórias. Sabe aquela música da Marília Mendonça que diz: “E todo esse caminho eu sei de cor”? Então, ando à procura de quem não “vai deixando a gente pra outra hora”.

Porra, tem um monte de café aí. Tem um monte de lugar verdinho onde dá para levar uma toalha enquanto a gente conversa e eu mordo uma fruta. Um monte de lugar onde dá pra gente sair só com dois reais no bolso e voltar com coração gritando na boca.

Parente, para mim, nem sempre é família. Dou mais valor aos amigos que fiz ao longo da vida do que a alguém com o sobrenome igual ao meu. Família é quando um se importa, se preocupa e ajuda o outro. Parentes, parentes, família à parte.

Toda noite, quando eu desço do ônibus para vir para casa, na esquina vejo um moço de calça moletom e chinelo, sempre esperando a mesma moça do cabelo curto. Toda noite, quando se encontram, ela fala a mesma coisa: “Oi, amor!”. E ele toda noite pergunta: “Como foi o seu dia?”. Depois disso, não consigo ouvir mais nada, só o amor gritando de longe.

Não existe essa coisa de não criar expectativas. Até pode acontecer com aquele caso meia-boca, aquela pessoa que não é tudo aquilo, mas serve. Agora, quando você encontra alguém que ri das suas piadas, que conhece seus filmes favoritos, que faz você suar no colchão e vira seu mundo do avesso, pode anotar aí, não há vivente que não crie expectativas.

Amizade é tipo namoro. Você começa a vacilar, a não dar importância para os detalhes, e o amor vai morrendo aos poucos, até alguém olhar e perceber que morreu, sobrando apenas meros desconhecidos que se conhecem.

**VAMOS
MARCAR PARA
PARAR DE
COMBINAR DE
MARCAR.**

Não tem mistério. Ela só precisa saber que você vai estar ali quando ela precisar, para acompanhá-la numa tarde de domingo por aí ou levar a toalha correndo enquanto ela grita pelada do banheiro... Não tem mistério, você só precisa estar ali. Ou aqui. Tanto faz.

Eu estava voltando pra casa e me deu vontade de te ligar. Gastar os minutos que a operadora me oferece pra dizer que daqui a pouco eu me formo, compro uma geladeira e fico gritando feito mãe louca quando algum filho não abaixa a tampa do vaso. Deu uma saudade, sabe? De você e de nós dois. Deu uma saudade da gente.

Sabemos que não sentimos mais falta quando desapegamos do vício de entrar a cada dois minutos para checar se temos uma mensagem, lembrar que é possível viver sem o celular nos dedos. Quando vivemos para nós mesmos! Quando não dependemos da reciprocidade para manter o humor lá em cima... Sabemos que não sentimos mais falta quando dançamos que nem uma louca dentro do quarto, passamos o fim de semana na casa de alguma amiga, vamos ao cinema acompanhados apenas de nós mesmos depois de verificar quem é que realmente merece a nossa melhor energia.

Eu também já pensei ter encontrado o amor verdadeiro pelo menos umas dez vezes, já que a filha da puta da minha esperança é cega. Eu acredito e vou continuar acreditando. É balela, é perda de tempo ficar colocando as mágoas numa mala e seguindo por aí, dizendo para o mundo que te machucaram tanto a ponto de você se tornar incapaz de crer de novo. Na real, ninguém quer saber. Se você passou, passou.

**NEM TODO MUNDO QUE VEM VAI. UMA HORA
ALGUÉM CHEGA E FICA. NADA MELHOR QUE UM PÉ
NA BUNDA PARA NOS AJUDAR A DISCERNIR
FUTURAMENTE QUEM MERECE FICAR.**

Pare com essa mania de querer remar sozinha, fazer o esforço por dois, de achar que você é a única responsável por fazer com que as coisas aconteçam. Reciprocidade é uma via de mão dupla, o amor não se sustenta na intenção de um só.

Ela é livre, garoto. Livre como um furacão que destrói a sua casa, mas também como a brisa que te acalma a alma no fim da tarde. Ela é inverno ou verão. Tudo vai depender da estação que você quiser dar a ela.

Quero que me espiem quando eu fingir não estar olhando, quero ficar sem ar logo depois de te ver na porta, quero aquecer o café e conversar de madrugada, quero que você venha e fique. Quero que você vá e volte.

Não é bem porque o dia foi corrido, porque é fim de semestre ou porque ficou sem internet e não viu a mensagem. Sempre há café com wi-fi grátis, segundos para quem não tem minutos, desculpas para quem não tem interesse. Quem quer aparece.

É bom tirar o que não serve mais do caminho, o que incomoda, o que fica ali entulhado no cantinho, mesmo a gente sabendo que poderia estar aqui e não está. Incomoda e machuca o ego, as expectativas, os planos ingênuos. É bom tirar, arrumar numa caixa e deixar na frente de casa. Porque quando a gente menos espera, alguém passa e leva. Já foi. Novidades precisam de espaço.

Sou romântico, não idiota. E não faço a linha do romântico papelão, do trouxa que aceita tudo em nome do amor. Alto lá! Romantismo pra mim é o detalhe, o bilhete na mesa, a comida gostosa, a mensagem safada no meio da tarde, o abraço apertado depois do trabalho, o interesse pelo dia, a saudade declarada. Entendeu? Não confunda dedicação com falta de amor-próprio.

A quantos cinemas eu vou precisar ir até poder sair de lá pedindo que você que me espere, pois vou ao banheiro rapidinho?

Quantos encontros terei que aceitar até você chegar e a gente menosprezar sem dó todos os fracassos anteriores?

Quantos amigos de estranhos recém-conhecidos terei que conhecer até eu torcer para me dar bem com os seus?

Quantas expectativas terei que criar para finalmente você alimentá-las com fervor?

Quantas vezes terei que comer salada sozinho nos restaurantes até você chegar me pedindo desculpas pelo atraso?

Quantos casais terei que interrogar nas minhas viagens só para ver se não me contam onde você mora ou qual é o segredo da completa reciprocidade?

Quantas bocas secas e línguas mal-educadas terei que enfrentar até ficar sem ar com a sua?

Em quantos Natais terei que ensaiar respostas às perguntas das minhas tias, porque simplesmente você se esqueceu de aparecer na minha vida?

Em quantas viradas de ano terei que pular as sete ondinhas, desejando que nos esbarremos por aí antes do próximo dezembro?

Em quantos invernos terei que engordar sozinho e em quantos projetos de verão terei que fracassar sem o menor apoio?

A quantos bares terei que ir ou por quantas noites terei que procurar seus olhos desconhecidos no meio da multidão?

Vem logo, amor.

Eu queria te ligar, comprar duas passagens para um chalé com lareira na serra, passar o final de semana à base de vinho e moletom. Queria te encontrar depois do trabalho, te perguntar se não quer que eu te leve alguma coisa, só para ver se você se perde, por descuido, baixa a guarda e aceita passar a semana inteira comigo.

Faz o seguinte, me liga depois. Liga mais tarde para combinarmos de dividir um tapete fofo, um x-salada na esquina, um café na quarta ou uma cerveja com batata frita no sábado. Antes disso, eu quero ir pra rua, conhecer outras pessoas e a sua história. Depois disso a gente decide se vai ou não querer ir para o quarto.

Deixe a sua dobrinha de pizza aí e ganhe no argumento, no espaço da fala, na força do seu discurso. Apresente-se com boas ideias e queira o outro tão bem como o bem que você quer para si mesmo. Vista-se de leveza, porque não há nada mais sexy do que um cérebro bem trabalhado. Gosto de criar expectativas, de contar as horas, de pensar na roupa, no argumento, no lugar, na hipótese.

Gosto de ver crescendo dentro de mim algo que não consigo entender, mas que me faz um bem danado. Amor sem riscos é como nascer sem a morte. Não existe a menor possibilidade.

**ESTAR COM QUEM GOSTAMOS É MARAVILHOSO,
MAS NÃO HÁ NADA MELHOR DO QUE ESTARMOS
BEM COM NÓS MESMOS. ESSE É UM AMOR
CALMO.**

Amizade foi feita para ser usada. Para perguntarmos se o outro está bem, realmente interessados na resposta. Amigo que é amigo guarda o conforto no bolso, dá o olho na briga e uns tapas na nossa cara quando estivermos errados. Amigo, sabe? Aquele filho da puta honesto que a gente ama pra caralho.

Que mania chata que as pessoas têm de achar que temos o dever de estarmos felizes o tempo inteiro. Tristeza mesmo é perdurar a dor, é colecionar motivos para vestir a alma sempre de preto. Sabemos que existem pessoas em situações piores, mas não menosprezem nossos motivos. Nos respeitem. Apenas não acordamos com vontade de dar bom-dia. Assim como acontece com a felicidade, daqui a pouco a tristeza passa.

Cara, eu conheço vários garotos que atravessariam de bicicleta a cidade só para acordar com o sorriso dela como vista. Ela é o tipo de guria de que qualquer mãe se orgulha, que tem cheiro que gruda, que aquece no inverno e dá sentido pra semana. Não vacila, meu chapa, porque você não vai ter a oportunidade de vacilar de novo.

Quer saber de mim? Venha na minha casa, me espera no final da aula, me chama pra tomar um café ou me encontra no bar mais tarde. A internet é ótima, mas a disposição é melhor ainda.

Como é o nome daquilo que faz a gente seguir, mesmo cambaleando? Que faz a gente juntar a esperança que sobrou e confiar nos próprios pés para ser mais forte e feliz de novo lá na frente? Amor-próprio, senhor. Próprio amor.

Chore! Mas chore mesmo. Lave a alma, a blusa, a calçada, salgue o que melou. Crie expectativas, dê biscoitos para a esperança, estude o signo de novo, mande foto no grupo, acredite novamente como uma criança em seu primeiro amor. Mas não deixe a alma adoecer só porque não foi dessa vez.

Será que ainda existem pessoas sem frescuras? Essas que dão risadas frouxas, que se lambuzam de lanche na esquina, que encontram você de ônibus ou de carro, que se esforçam para você se sentir especial e pouco se importam se estamos correndo ou ainda olhando a vista? Pessoas sem frescuras, sabe? Sem todos aqueles não-me-toques.

Você pode dizer o que realmente sente para as pessoas, ok? De verdade. Seja honesta, abra o jogo, abrace com entusiasmo, escute a dor com interesse, não dê mais que bom-dia quando tiver seus motivos concretos para isso. Gosto de gente transparente. Relações artificiais fazem mal à saúde e sorriso falso não decora apartamento.

A gente não quer tirar a roupa correndo. A gente quer contar como foi nosso dia, fazer planos, ver filme junto no domingo à tarde, cozinhar qualquer coisa à noitinha, pensar no nome dos filhos, rir com uma mensagem recebida no trabalho. A gente gosta de sexo, mas antes a gente também adora amor.

Ainda não me acostumei com essas partidas eventuais que acontecem na vida. Amigos que mudam de caminho, amores que viram estranhos, pessoas que vão embora o tempo todo. Tem hora que me dá vontade de deixar o banco na porta, só pra ver se a sensação de despedida diminui com o tempo.

Desculpa a sinceridade, mas de vez em quando um “vai tomar no cu” é tão libertador que poupa não só o terapeuta, como também pode existir a possibilidade de a pessoa dizer amém.

Não importa quantas moedas você joga na fonte
ou o número de dedos que você cruza. Se não é
para ser, desencana.

Eu me lembro do quanto gastei minhas preces
por almas que não poderiam abraçar a minha,
das noites que dormi em quartos escuros que
pareciam ser a minha casa. Das ruas escuras
onde eu me escondia por beijos. Das promessas
que não acordaram comigo na manhã seguinte.
De todas as histórias de amor que eu criava por
conta da falta de uma.

Ah, guria, além de você ter me ensinado a abrir
sutiãs, também me chamou para protagonizar
um romance e me fez aprender a comer pudim de
caneca. Isso sem falar que também aprendi que
um sorriso no rosto é o que muitas vezes
precisamos para seguir em frente.

**GOSTOSA! Foi o que eu gritei pro espelho.
GOSTOSA! Repeti para não ter engano. Digo
“gostosa” porque é assim que eu me sinto. Digo
“gostosa” para eles me sentirem assim. Gostosa
pra mim e pra eles. Gostosa para dar gosto em
agosto. Gostosa para não viver sem felicidade
nos bolsos.**

**Cachorro sem dono é aquele que come onde lhe
dão comida, que segue quem oferece atenção,
que abandona quando a afeição começa a se
desenvolver. É bicho de rua que nunca se sente
sozinho, pelo simples fato de não precisar viver
amarrado. Cão de rua não usa coleira e não vai se
prender, porque sua natureza não é essa. Você
quer amá-lo? Fique à vontade. Mas saiba que ele
só volta onde tem comida. Cachorro, entendeu?
Cachorro.**

**ORGULHO
É SAUDADE
TÍMIDA.**

Eu não sou guri de interesses, sou de negócios. Eu negocio o carinho e, em troca, você me oferece o abrigo dos seus abraços. Eu te dou amor e você me aluga o seu coração. Que tal? Se ainda você preferir, posso reservar algum tempo no meu horário de almoço, a fim de pedir uma ajudinha à Ana Maria Braga para fazer um bolo, um café e dois cafunés em você. Ah, sobre a questão de arrumar um tempo para nos amarmos, deixe comigo. Eu sou bom em dar jeitos e péssimo em arranjar desculpas.

Ele tirou o moletom do corpo e agasalhou a namorada. Ela sorriu e fez uma expressão com o rosto, querendo dizer que se sentia em casa. E parecia estar mesmo. De mãos dadas e com sorrisos nus ao vento. E eu admirava da calçada o que gosto de chamar de amor.

**SE VOCÊ CURTIU ESTE LIVRO, COMPARTILHE
COM AS PESSOAS DE QUEM VOCÊ MAIS GOSTA.
E, CLARO, SE ME VIR NA RUA, ME ABRACE.**

E caso você se pergunte o porquê de abraçar um estranho, é porque o abraço é o mais difícil de ser ensaiado. Abraçar exige entrega, o abraço genuíno é troca. É no abraço com mais de vinte segundos que você libera oxitocina. É no abraço que você é grato sem precisar dizer. É no abraço que a conexão acontece. É nos braços do outro que você encontra um universo particular, tendo o oxigênio como o perfume natural do corpo. Portanto, se me encontrar por aí e sentir necessidade, fique à vontade. Vou adorar te conhecer.

1º PASSO: A IMERSÃO EM SI MESMO

Quem é você?

Respire.

Você está se ouvindo?

Você está pronta para nascer de novo.

Pronta para ser o que quiser.

Sinta-se.

Você está pronta para se libertar.

Você está pronta para se curar.

Você está pronta para andar com leveza de novo.

Acenda um incenso ou algo cheiroso na sua casa.

A energia já mudou, é outra.

Você está pronta para a mudança.

2º PASSO: ONDE DÓI? VAMOS TRATAR DESSAS FERIDAS

Como você está se sentindo?

Você precisa continuar se escutando.

Mas o processo agora é diferente do anterior.

É mais ou menos como ir ao médico para ser examinado. Você precisa sentir e reconhecer as dores mais latentes.

Onde dói?

O que mais dói?

3º PASSO: CONVIDE-SE PARA SAIR. TENHA UM DATE COM VOCÊ MESMO

Eu adoro encontros. São eles que me promovem os melhores insights.

Arrume-se! Hoje vamos sair.

Você e seu amor... próprio.



©Eduardo Frigeri

Guilherme Pinto é gaúcho do interior do Rio Grande do Sul (Jaguarão - RS), radialista, publicitário apaixonado por histórias e por todos os começos que os cafés promovem. Já viajou do Sul ao Nordeste do país com apenas 975 reais na carteira, foi eleito como segundo melhor cronista no concurso literário nacional Felipe D'Oliveira na cidade de Santa Maria, e há dois anos criou um canal no YouTube para superar seus traumas e propagar amor na internet.

 [**@amorabusado**](#)

 [**@guilhermepintto**](#)

 [**@guipintto**](#)

EU SEI QUE VOCÊ PROCURA O AMOR

Eu sei por que você está aqui lendo este livro e levantando os olhos enquanto se pergunta mentalmente: “Como ele sabe?”. Eu sei por que, de alguma maneira, as pessoas se atraem. E, por alguma razão, que não saberei explicar, este livro será importante para você.

Meu desejo é iniciar um processo: não vai ser o livro que vai te ajudar a encontrar o amor da sua vida, mas o modo como você presta atenção nos detalhes é o que fará toda a diferença. Ele não é responsável por te salvar, assim como ninguém na sua vida é. **APENAS VOCÊ MESMO!**

Aliás, este livro não vai te ajudar a procurar nada por aí, mas a encontrar o lado mais bonito que há em você.

“A gente busca o amor em todos os cantos e se esquece de olhar para dentro. Mas, tudo bem, nem sempre a gente sabe como fazer isso. Ou melhor, com este livro, saberemos.”

Matheus Rocha, autor de *Pressa de ser feliz*



 **PlanetaLivrosBR**

 **planetadelivrosbrasil**

 **PlanetadeLivrosBrasil**

 **planetadelivros.com.br**

UM LIVRO
PARA SER
ENTENDIDO
PEDRO HMC

CRIADOR DO PÔE NA RODA



Um livro para ser entendido

, Pedro HMC

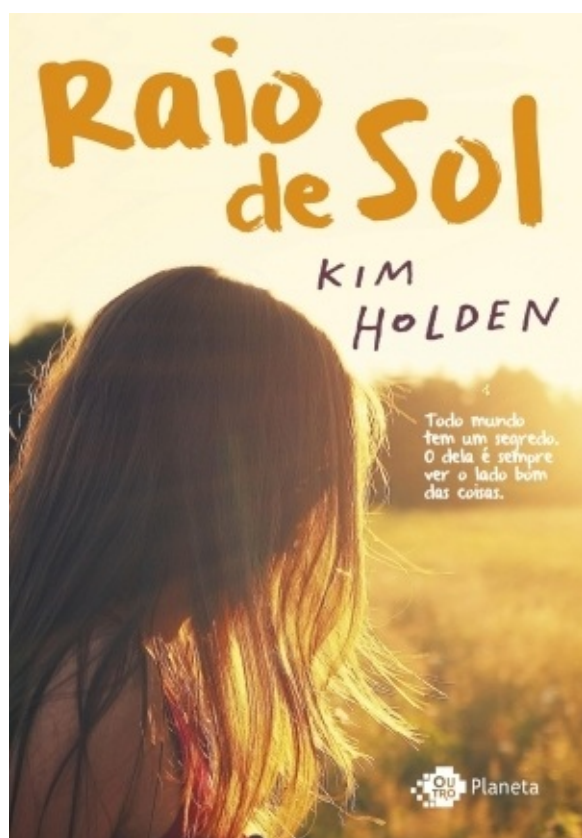
9788542208658

151 páginas

[Compre agora e leia](#)

Obra de estreia de uma das principais figuras LGBT do Brasil "O que é ser entendido? Muitos são e sequer se entendem. Muitos são e não aceitam. Muitos não são e também não respeitam. E a geração mais nova de entendidos nem deve saber desse sinônimo "entendido", que já foi muito usado como gíria para gays se referirem a outros gays: "Ah, fulano é entendido!". Mas este livro está longe de ser apenas para os entendidos, afinal é preciso que não entendidos também nos entendam para que aí sim a gente consiga vencer o preconceito. Por isso, seja você entendido ou não entendido, é muito bem-vindo pra ler este livro e ficar entendendo algumas coisas como: nasce ou torna-se gay? Por que tantos rótulos? O que são as muitas letras da sigla LGBT? O que não dizer para meu amigo gay? Como é viver no armário? Como se assumir?" Pedro HMC "Buscar entender o outro é um ato de afeto." - Marcelo Adnet. "Definitivamente uma boa leitura para entendido e não entendidos." - Luís Arruda, advogado e ativista LGBT. "Um relato generoso, divertido e atual." - Ana Ribeiro, jornalista.

[Compre agora e leia](#)



Raio de Sol

Kim, Holden

9788542207750

405 páginas

[Compre agora e leia](#)

"Faça épico", costuma dizer Kate Sedgwick quando quer estimular alguém a dar o melhor de si. Nascida numa família-problema, com direito a mortes e abandono, a garota de dezoito anos sempre buscou fazer a diferença. Em vez de passar os dias lamentando os infortúnios da vida, como tantos fariam em seu lugar, sempre vê as coisas pelo lado positivo – não é por outro motivo que Gus, seu melhor amigo, a chama de Raio de Sol. E é por isso que, quando passa na faculdade e se muda da ensolarada San Diego, na Califórnia, para a fria cidade de Grant, em Minnesota, ela leva consigo apenas boas lembranças e perspectivas. O que ela não espera é que será surpreendida pelo amor – único aspecto da vida em relação ao qual nunca quis ser otimista – ao conhecer Keller Banks, um rapaz que parece corresponder aos seus sentimentos. Acontece que tanto ele quanto ela têm um segredo. E segredos, às vezes, podem mudar tudo.

[Compre agora e leia](#)



Fala aí, Malena!

Malena

9788542208580

95 páginas

[Compre agora e leia](#)

Fala aí, povo bonito! Pra quem não me conhece, eu sou a Malena, a menina por trás do headset verde. Talvez você possa pensar: o que essa garota de vinte e um anos tem pra contar num livro? Calma! O objetivo é falar de infância, adolescência, dilemas dessas idades, que só quem está passando ou quem acabou de passar vai entender. Por isso estou aqui! Com o coração aberto pra contar coisas que ainda não contei. Quero que vocês se divirtam lendo este livro, que deem algumas risadas, e tirem algo de bom. Quem sabe este livro te faz pensar diferente? Tenho certeza que vão curtir! O livro tem um espaço interativo, então não deixem de preencher e me enviar. Agora, sem mais enrolação. Chega aqui, deixa eu contar umas coisinhas...

[Compre agora e leia](#)

EDUARDO CILTO
AUTOR DE *TRAÇOS*

SUBMERSO

UM ROMANCE

 **Quatro** Planeta

Submerso

Cilto, Eduardo

9788542213201

192 páginas

[Compre agora e leia](#)

Emocional. O retrato de uma geração. Aos dezessete anos, Dimitri não é mais capaz de enxergar a si mesmo quando encara o próprio reflexo no espelho. Dividindo seu tempo entre o colégio e um emprego na última locadora de filmes da cidade, ele vê sua realidade colidir quando um simples encontro com os amigos acaba sendo gatilho para uma de suas maiores crises. Lutando contra a nova vida e consigo mesmo, Dimitri é obrigado a passar o resto do ano em um acampamento para jovens desajustados que promete colocá-lo de volta aos eixos. Porém, um lugar que abriga tantos desajustados pode não ser tão perfeito quanto todos pensam, e o que antes parecia ser a solução dos problemas, acaba se tornando apenas o começo de um dos maiores deles. "É no caos que minha mente se esvazia e meus pensamentos se encontram."

[Compre agora e leia](#)

Best-seller do
The New
York Times

GAROTA EM PEDAÇOS

UM ROMANCE

KATHLEEN GLASGOW

 Planeta

Garota em pedaços

Glasgow, Kathleen

9788542210132

243 páginas

[Compre agora e leia](#)

Além de enfrentar anos de bullying na escola, Charlotte Davis perde o pai e a melhor amiga, precisando então lidar com essa dor e com as consequências do Transtorno do Controle do Impulso – um distúrbio que leva as pessoas a se automutilarem. "Viver não é fácil." Quando o plano de saúde de sua mãe suspende seu tratamento numa clínica psiquiátrica – para onde foi após se cortar até quase ficar sem vida –, Charlotte Davis troca a gelada Minneapolis pela ensolarada Tucson, no Arizona (EUA), na tentativa de superar seus medos e decepções. Apesar do esforço em acertar, nessa nova fase da vida ela acaba se envolvendo com uma série de tipos não muito inspiradores. Cansada de se alimentar do sofrimento, a jovem se imbuí de uma enorme força de vontade e decide viver e não mais sobreviver. Para fugir do círculo vicioso da dor, Charlotte usa seu talento para o desenho e foca em algo produtivo, embarcando de cabeça no mundo das artes. Esse é o caminho que ela traça em busca da cura para as feridas deixadas por suas perdas e os cortes profundos e reais que imprimiu em seu corpo. Romance de estreia de Kathleen Glasgow, que figurou na lista dos mais vendidos do jornal The New York Times e dos melhores livros do ano de 2016 da Amazon (EUA) e da revista TeenVogue. Nele, os leitores vão se emocionar e se inspirar na história da adolescente de 17

anos que, por conta de sofrer de Transtorno do Controle do Impulso, pratica o "cutting" – um distúrbio que afeta um grande número de jovens brasileiros e também personalidades do universo teen, como Demi Lovato e Britney Spears, entre outras.

[Compre agora e leia](#)